

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENADORIA ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino

Diagnóstico de documentação museológica: um estudo de caso no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina

Florianópolis

2021

Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino

Diagnóstico de documentação museológica: um estudo de caso no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Museologia

Orientadora: Professora Doutora Renata Cardozo Padilha

Florianópolis

2021

Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino

Diagnóstico de documentação museológica: um estudo de caso no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia

Florianópolis, 03 de maio de 2021.

Professora Doutora Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Professora Doutora Renata Cardozo Padilha
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Mestre Mateus da Silva Reis
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Cândido Detoni Gazzoni
Avaliador
Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marcolino, Maria Luiza de Quadros Soares

Diagnóstico de documentação museológica: : um estudo de caso no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina / Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino ; orientador, Renata Cardozo Padilha, 2021.

78 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Documentação museológica. 3. Metadados. 4. Fichas de Catalogação. 5. Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina. I. Padilha, Renata Cardozo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço algumas pessoas por conseguirem me acalmar durante o processo de desenvolvimento dessa pesquisa. Primeiramente agradeço meus pais, Luiz Felipe e Lára que sempre estão ao meu lado não importa o porquê. Devo agradecimentos à minha irmã que sempre me falava “relaxa... isso vai passar”, se referindo a ansiedade de produzir algo completamente meu pela primeira vez na minha trajetória acadêmica.

Agradeço minha tia Andrea por sempre me apoiar e ajudar para que eu possa me dedicar aos estudos. E ao meu tio José Eduardo por me deixarem morar na casa deles.

Deixo meu agradecimento à minha amiga Camila que além de me ouvir falar sobre o TCC, me ajudou com a tradução do resumo. Que baita professora de inglês! E à Vanessa, minha caloura preferida e amiga que sempre estava disponível para ouvir e falar sobre meu trabalho. Muito obrigada mesmo por me aturar!

Devo um agradecimento especial a minha professora orientadora Renata pela compreensão e por toda a orientação excepcional. Agradeço também meu supervisor de estágio Cândido que foi compreensível comigo com os prazos de atividades e a Ana Lígia por ser uma chefe incrível e a toda equipe do Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina que vão deixar saudade! Agradeço o professor Mateus por aceitar ser meu avaliador da banca, muito obrigada mesmo!

Também agradeço à Edy e Jessica, minhas supervisoras no meu novo emprego na empresa Pessoalize, que entenderam minha situação e me deram o apoio necessário para que esse trabalho fosse realizado.

Além de tudo, devo um agradecimento especial a mim mesma que apesar de todos os perrengues, consegui terminar esse trabalho! E não deixaria de agradecer a Universidade e ao Curso de Museologia e a todos os funcionários da nossa tão querida instituição, que me apresentaram o senso crítico e o amor por esse curso!

RESUMO

O trabalho tem como tema a documentação museológica. O objeto de pesquisa é o banco de dados, mais especificamente os metadados das fichas de catalogação do Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC). Essa pesquisa tem como objetivo principal a criação do diagnóstico da documentação museológica da instituição. Em parâmetros mais específicos, a pesquisa deve desenvolver uma análise dos metadados disponíveis nas fichas de catalogação de cada coleção do museu. A metodologia aplicada para o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso foi a pesquisa documental, utilizando documentos da instituição para analisar os dados, sendo eles Planilha de Conferência do Banco de Dados e Lista de Erros Encontrados e a Resolução Normativa nº2 do IBRAM de 29 de agosto de 2014, para estabelecer uma análise comparativa com enfoque os metadados utilizados. O principal resultado dessa pesquisa é o levantamento de dados essenciais para que a instituição possa aprimorar seu banco de dados. Para a Museologia, o resultado mais destacável é a criação de uma atividade que pode ser realizada tanto presencial como online e que é importante para as instituições museais. Concluindo que as fichas de catalogação atualizadas são utilizadas para a criação de estratégias de pesquisas internas (criação de narrativas expositivas, educação museal) e externa (pesquisadores, estudantes, etc.).

Palavras-chave: Documentação museológica. Metadados. Fichas de catalogação. Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina. Diagnóstico.

ABSTRACT

The theme of the work is museum documentation. The research object is the database, more specifically the metadata of the cataloguing sheets of the Museum of Image and Sound of Santa Catarina (MIS/SC). This research has as main objective the creation of the diagnosis of the museum documentation of the institution. In more specific parameters, the research should develop an analysis of the metadata available in the cataloguing sheets of each museum collection. The methodology applied for the development of this course completion work was documentary research, using documents from the institution to analyze the data, which were the Conference Spreadsheet of the Database and List of Errors Found and Normative Resolution No. 2 of the IBRAM of August 29, 2014, to establish a comparative analysis focusing on the metadata of the cataloguing sheets. The main result of this research is the collection of essential data so that the institution can improve its database. For Museology, the most detachable result is the creation of an activity that can be carried out both face-to-face and online and that is important for the museal institutions. Concluding that the updated cataloguing forms are used to create internal research strategies (creation of exhibition narratives, museal education) and external (researchers, students, etc.).

Keywords: Museum documentation. metadata. Cataloguing sheets. Museum of Image and Sound of Santa Catarina. diagnosis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Centro Integrado de Cultura.....	21
Figura 2 – Fachada do MIS/SC.....	23
Figura 3 – Logo do MIScuta.....	24
Figura 4 – Logo da Casa das Ideias.....	24
Figura 5 – DiscoCards edição 20 de abril de 2020.....	25
Figura 6 – Objeto Coleção I.....	27
Figura 7 – Objeto Coleção II.....	27
Figura 8 – Objeto Coleção III.....	28
Figura 9 – Objeto Coleção IV.....	28
Figura 10 – Série Crisálida.....	30
Figura 11 – Página Menu do Banco de Dados do MIS.....	45
Figura 12 – Ficha de Catalogação Coleção I, Filmes.....	46
Figura 13 – Ficha de Catalogação Coleção II, Som.....	48
Figura 14 – Ficha de Catalogação Coleção III, Imagem.....	50
Figura 15 – Ficha de Catalogação Coleção IV, Equipamentos.....	52
Figura 16 – Ficha de Catalogação Coleção V – Registros Textuais.....	53
Figura 17 – “Ficha Identificação Acervo”, Coleção V - Registros Textuais.....	56
Figura 18 – Lista de Erros do Banco de Dados do MIS.....	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de metadados analisados Coleção I.....	47
Quadro 2 – Lista de metadados analisados Coleção II.....	49
Quadro 3 – Lista de metadados analisados Coleção III.....	51
Quadro 4 – Lista de metadados analisados Coleção IV.....	53
Quadro 5 – Lista de metadados analisados Coleção V.....	54
Quadro 6 – Coleção I, Filmes.....	59
Quadro 7 – Coleção II, Som.....	61
Quadro 8 – Coleção III, Imagem.....	65
Quadro 9 – Coleção IV, Equipamentos.....	65
Quadro 10 – Coleção V, Registros Textuais.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC Centro Integrado de Cultura

CD *Compact Disc*

DVD *Digital Versatile Disc*

FCC Fundação Catarinense de Cultura

IBRAM Instituto Brasileiro de Museus

MASC Museu de Arte de Santa Catarina

MIS/SC ,Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina

NDA Núcleo de Documentação Audiovisual

TAC Teatro Alvaro de Carvalho

TAR Teatro Ademar Rosa

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC Universidade Estadual de Santa Catarina

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

VHS *Video Home System*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 JUSTIFICATIVA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 Objetivo Geral.....	13
1.2.2 Objetivos Específicos.....	13
1.3 METODOLOGIA.....	13
2 O MUSEU DE IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA.....	15
2.1 MIS/SC: HISTÓRIA E GESTÃO.....	15
2.2 ACERVO E SUAS COLEÇÕES.....	21
3 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E FICHAS DE CATALOGAÇÃO.....	27
4 ANÁLISE.....	39
4.1 BANCO DE DADOS, FICHAS DE CATALOGAÇÃO E SEUS METADADOS....	39
4.2 ANÁLISE DOS METADADOS.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXO I – Termo de Compromisso do Pesquisador.....	73

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a Documentação Museológica, mais especificamente, o diagnóstico das fichas de catalogação. Segundo Helena Dodd Ferrez (1994) essa área da Museologia deve exercer um papel inicial nos museus, isso acontece pois é a primeira estratégia que a instituição deve adotar para que todas as outras consigam se desenvolver corretamente. Com uma documentação desordenada, o museu perde-se na sua própria história.

Pesquisar tal tema é importante pois a análise da documentação também faz parte das atividades dos museus, o problema é a falta de tempo e, muitas vezes, de recursos humanos para a realização do diagnóstico. Além da documentação, é importante que a instituição saiba se as informações descritas contidas nas ferramentas documentais estão atualizadas para criar novas atividades nessa área tão fundamental na organização museal.

O Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC) foi criado em 1998 pelo Governo do Estado através do decreto nº 3198 de 24 de setembro de 1998 (BRASIL, 1998). A instituição continuou o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Documentação Audiovisual (NDA) da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e tem um acervo bem desenvolvido e dividido em coleções que têm fichas de catalogação específicas.

O museu tem cinco coleções no seu acervo: coleção I - Filmes; coleção II - Som; coleção III - Imagem, coleção IV - Equipamentos e coleção V - Registros Textuais, que somam 9.762 fichas de catalogação em seu Banco de Dados.

Neste presente trabalho, desenvolveremos uma análise acerca do diagnóstico dessas 9.762 fichas de catalogação para perceber quais campos informacionais devem ser pesquisados com mais afinco pela instituição e quais não são pertinentes a mesma. Essa análise será realizada a partir da conferência das fichas de todo o acervo do museu. Para tanto, a problemática da pesquisa é a verificação das fichas de catalogação do MIS, a fim de identificar as razões e possibilidades de aprimoramento informacional.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro tem como enfoque a apresentação da instituição, expondo sua história, sua gestão, seu acervo e suas coleções. O segundo capítulo tem como objetivo a explanação teórica acerca

da documentação museológica, gestão de acervo e das fichas de catalogação. O terceiro capítulo tem como finalidade apresentar a análise desenvolvida a partir do banco de dados e suas fichas de catalogação bem como a análise dos metadados presentes nas fichas.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente projeto tem uma importância considerável para a área da Museologia, pois é um trabalho cujo enfoque será o diagnóstico da documentação museológica de um museu. Essa prática museal é encabeçada através da lei nº11.904, de 14 de janeiro de 2009, no parágrafo 1º do artigo nº 28, que diz que

o estudo e a pesquisa nortearão a política de aquisições e descartes, a identificação e caracterização dos bens culturais incorporados ou incorporáveis e as atividades com fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação. (BRASIL, 2009)

Essa prática faz parte das atividades desenvolvidas pela documentação e tem grande importância no desenvolvimento e atualização do museu como instituição social. Ainda na lei nº 11.904, no artigo 39, que alega que “é obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários” (BRASIL, 2009).

A realização de um processo de avaliação e planejamento nos quais o diagnóstico museológico está inserido é sempre um processo educativo, sendo possível considerá-lo uma importante etapa da formação em serviço dos profissionais envolvidos no processo museológico.

Segundo Cândido (2010, p.129) o diagnóstico museológico é uma ferramenta das instituições museais que “objetiva a identificação e apreensão das potencialidades museológicas de um território ou de uma instituição, a fim de perceber as atividades desenvolvidas, as parcelas do patrimônio valorizadas e selecionadas para preservação e as lacunas existentes”. No trabalho proposto, o

diagnóstico tem como objetivo preencher lacunas existentes no banco de dados do MIS, percebendo quais erros são mais comuns ou quais campos informacionais nas fichas de catalogação não são muito usados. A pesquisa tem o intuito de qualificar as ferramentas de gestão de acervos para que a instituição possa delimitar as próximas atividades a serem desenvolvidas com objetivo de apresentar uma melhora na qualidade da documentação.

Geralmente o diagnóstico do acervo é um dos primeiros passos para a criação de uma documentação museológica e tem como objetivo conhecer o acervo do museu, mas muitos museus não o fazem novamente, porém, como estratégia de atualização das informações documentadas.

Foi percebido que a pandemia causada pelo COVID-19¹ não seria apenas um empecilho para o trabalho no museu, mas que poderíamos utilizar da situação onde o mundo se encontra para fazer uma atividade pouco desenvolvida em museus, atividade essa fundamental para o bom funcionamento do museu. Compreendemos que os campos informacionais preenchidos com informações corretas e satisfatórias, é mais proveitoso para o museu e sua história.

Assim, foi percebido trabalhando com as fichas do MIS foi a falta de uma padronização, não apenas das informações, mas sim de como são descritas as informações. Alguns nomes de filmes estão escritos sem nenhum caractere especial adicional², mas em algumas fichas os nomes estão entre colchetes, por exemplo.

Isto pode causar problemas em um futuro se o museu decidir permutar seu banco de dados para a ferramenta Tainacan³, pois o preenchimento dos metadados, ou seja, do preenchimento das informações muitas vezes não estão padronizadas, fazendo com que muitos nomes de objetos podem se perder na hora da transferência.

¹ Como bolsista do museu, entre 2019 e 2020, foi identificado que havia alguns erros no banco de dados, mas nunca tinha tempo para fazer um diagnóstico para arrumá-los. Além disso, a administração do museu tem um objetivo: transformar o Banco de Dados para a plataforma de gestão de acervos digitais Tainacan (atualmente é usado a plataforma Microsoft Access). Em março de 2020, com a pandemia causada pelo COVID-19, iniciei o trabalho remotamente. Propus ao meu supervisor e colega de setor uma atividade não muito realizada em museus -mas muito necessária- : diagnóstico da documentação do acervo. Com isso iniciei a conferência de todas as fichas de catalogação do acervo.

² Sinais gráficos, como ponto, vírgula, colchetes, etc.

³ Tainacan é um software no WordPress com objetivo de criar repositórios de acervos digitais.

Quando junto ao supervisor de estágio fomos em uma oficina sobre Tainacan realizada pelo Museu de Arqueologia e Antropologia (MARquE/UFSC) e Curso de Museologia da UFSC em novembro de 2019, onde levamos nosso banco de dados e o palestrante tentou fazer a transferência de alguns objetos, foi percebido que pontos entre os números de identificação podem não aparecer na pesquisa e com isso abriam uma lacuna enorme no nosso banco de dados. Ou seja, é necessário criar uma padronização desses caracteres especiais.

A criação do banco de dados do museu foi desenvolvida após a criação da lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus e criou o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A lei estabelece que todos os museus do país devem criar o seu Plano Museológico para que a instituição possa desenvolver diretrizes e atividades a serem realizadas nas áreas de documentação, conservação, educação museal, etc. A partir disso, o MIS iniciou a procura de uma empresa especializada para criar esse documento através de licitação. Por fim a empresa Prisma Cultural ficou responsável por essa atividade e iniciou a criação do plano museológico entre 2009 e 2010. O preenchimento das fichas de catalogação foi realizado durante o ano de 2011. A empresa optou por realizar o preenchimento das informações mais basilares como Nome do Objeto, Número de Inventário, Objetos Associados e Descrição de modo que todos os objetos fossem registrados no banco de dados do museu. Foram desenvolvidas outras atividades como a realização das fotografias de todo o acervo do museu, marcação e numeração de objetos e outras atividades na área de documentação.

Segundo Padilha (2014, p.51), as fichas de catalogação são uma ferramenta que auxilia a documentação dos objetos, sem esse auxílio as informações estariam perdidas. Padilha (2014) cita a importância da padronização dos metadados (ou dos campos informacionais) da ficha. O diagnóstico proposto neste trabalho é um importante estudo para qualificar a ferramenta para o museu, pois deixará a documentação do acervo atualizada e com padronização satisfatória.

Essa atividade foi criada a partir de um preenchimento de uma lacuna do meu estágio durante a pandemia, mas que será de grande valia para o museu por um grande período de tempo pois durante a pesquisa será desenvolvido uma análise sobre os metadados das fichas de catalogação da instituição, que pode ser usado pelo museu para repensar algumas informações e erros encontrados para futura

correção, facilitando o trabalho do profissional que trabalhará com a documentação museológica do museu.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar os metadados das fichas de catalogação do acervo das coleções do Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina pela perspectiva da documentação museológica, realizando uma análise especializada com enfoque no aprimoramento do banco de dados do museu.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as inconsistências no preenchimento dos metadados das fichas de catalogação do acervo do MIS/SC;
- Verificar os metadados da ficha de catalogação do MIS/SC com a Resolução normativa nº 2 de 29 de novembro de 2014 do IBRAM;
- Selecionar, analisar e tabelar as informações percebidas durante a conferência das fichas de catalogação do banco de dados do museu;
- Analisar a produção e qualificação da informação museológica do MIS/SC a partir das fichas de catalogação

1.3 METODOLOGIA

O método usado é a pesquisa documental, que segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 174), o pesquisador coleta os dados a partir de documentos, sendo eles escritos ou não, ou seja, usando de fontes primárias para aprimorar o trabalho desenvolvido. Os documentos usados nessa pesquisa serão as fichas de catalogação do museu e os documentos secundários criados através dela (lista de erros e lista de conferência) e a resolução normativa nº 2 de 29 de novembro de 2014 do IBRAM que “estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico” (BRASIL, 2014) que cria parâmetros de comparação. A partir

dessa análise, será feito um estudo sobre as informações coletadas, levando em conta a bibliografia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa será feita em duas partes. A partir do documento de conferência das fichas de catalogação do MIS/SC, será feita a identificação das inconsistências nas fichas. Logo após essa identificação, será utilizado a resolução normativa nº 2 do IBRAM para comparar os metadados da resolução com as das fichas de catalogação da instituição para que uma análise aprofundada seja feita.

2 O MUSEU DE IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA

Neste capítulo, apresentaremos a história do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), sua gestão e seu acervo. Este é um museu com gestão pública estadual, sendo administrado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC). A instituição tem grande importância cultural e educacional na sociedade catarinense e presta muitos serviços para a sociedade, incluindo teatros, cinemas, bibliotecas, museus e espaços artísticos (oficinas, galerias, etc.).

2.1 MIS/SC: HISTÓRIA E GESTÃO

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC) foi instituída em 24 de abril de 1979 a partir do Decreto Estadual nº 7439, que cria a instituição e desenvolve seus objetivos, seu capital inicial, instituindo quais as tipologias de patrimônio serão de responsabilidade da Fundação, além de constituir seus possíveis recursos financeiros e outras informações específicas sobre seu funcionamento.

Seus objetivos a partir do Decreto Estadual nº 7439 são:

Art. 2º - A Fundação Catarinense de Cultura, entidade artístico-cultural, dotada de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, tem por objetivos:

I - executar a política de desenvolvimento cultural formulada pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo;

II - formular, coordenar e executar programas de incentivo das manifestações artísticas;

III - apoiar a preservação dos valores culturais caracterizados nas manifestações artísticas e tradicionais representativas da personalidade da gente catarinense;

IV - incentivar a produção e a divulgação de eventos culturais;

V - promover a integração da comunidade, através de mobilização das escolas, associações, centros e clubes à área de animação cultural;

VI - estimular, através da ação planejada, a pesquisa e o estudo relacionado com as ciências, letras e artes;

VII - apoiar as instituições culturais oficiais ou privadas, que visem ao desenvolvimento artístico;

VIII - promover a defesa do patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Santa Catarina;

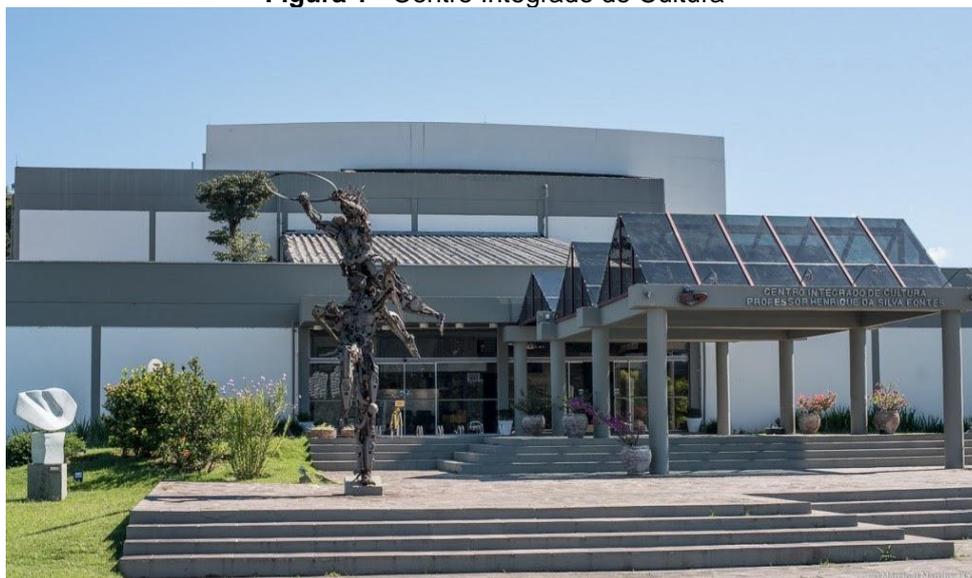
IX - celebrar convênios, acordos, contratos, ajustes e termos de compromisso ou protocolo com pessoas e entidades públicas ou privadas, nacionais e estrangeiras, respeitada a legislação em vigor;

X - promover exposições, espetáculos, conferências, debates, projeções cinematográficas e outras atividades culturais compatíveis com as suas finalidades. (FLORIANÓPOLIS, 1979)

A partir desse decreto, a FCC se configurou como a principal instituição com enfoque na disseminação da cultura no estado. Segundo seu site institucional, a Fundação “tem como missão valorizar a cultura por meio de ações que estimulem, promovam e preservem a memória e a produção artística catarinense” (Santa Catarina, 2021).

O prédio sede da FCC é o Centro Integrado de Cultura no bairro Agrônômica, em Florianópolis, onde se localiza o Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC). Além do museu, há mais outros setores, como o Teatro Ademar Rosa (TAR), o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), as Oficinas de Arte, a Escolinha de Arte, o Espaço Cultural Lindolf Bell e a Biblioteca de Arte & Cultura.

Figura 1 - Centro Integrado de Cultura



Fonte: Imagem da Ilha, 2019

A Fundação administra outros espaços além dos que estão localizados no CIC, são eles: o Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) no centro de Florianópolis, a Galeria do Artesanato da Casa da Alfândega, a Biblioteca Pública de Santa Catarina, o Museu Histórico de Santa Catarina, localizados no centro da ilha. Em Biguaçu, administra o Museu Etnográfico Casa dos Açores, em Rancho Queimado, a casa de Campo Governador Hercílio Luz e o Museu Nacional do Mar em São Francisco do Sul.

Os espaços descritos anteriormente têm administradores específicos, o que faz deles setores da FCC que tem uma presidente, Ana Lúcia Coutinho.

O MIS/SC foi criado a partir do decreto nº 3198 de 24 de setembro de 1998 pelo Governo de Santa Catarina que constitui atribuições ao museu acerca de atividades patrimoniais, documentais e educacionais:

Art. 3º São atribuições do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina - MIS/SC, entre outras, as seguintes:

I - coletar, classificar, catalogar, restaurar e conservar material iconográfico e sonoro em geral, como filmes, fotografias, discos, fitas magnéticas e outros, de interesse artístico, histórico, sociológico ou cultural;

II - realizar e divulgar o registro audiovisual de depoimentos, fatos e acontecimentos relevantes da vida nacional, especialmente aqueles ligados ao Estado de Santa Catarina;

III - promover cursos de extensão nas áreas de sua especialidade;

IV - manter estreito contato e efetivo intercâmbio com entidades congêneres ou afins, no Brasil e no exterior;

V - colaborar com outras unidades culturais, especialmente com as vinculadas à Fundação Catarinense de Cultura - FCC, na produção e divulgação de materiais audiovisuais. (BRASIL, 1998)

O Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC) é o único museu administrado pela FCC de sua tipologia, demonstrando sua importância na sociedade catarinense. Seu acervo é rico em produções audiovisuais criadas pela comunidade, como será exemplificado mais a frente.

Segundo o Plano Museológico do MIS (Prisma Cultural, 2011, p.10), o museu deu continuidade ao trabalho que era realizado pelo Núcleo de Documentação Audiovisual (NDA) que funcionou de 1989 a 1998. O NDA operava onde o museu está localizado atualmente, na ala norte do CIC. O núcleo realizava cursos, exibição de filmes, etc.. Atualmente o MIS faz todas essas atividades, apenas foi incluída outras atividades patrimoniais e educacionais.

Figura 2 - Fachada do MIS/SC

Fonte: Cidade e Cultura, sem ano.

A criação do museu veio a partir da necessidade de agrupar os acervos audiovisuais que pertenciam ao Estado de Santa Catarina que estavam espalhados por secretarias e gabinetes de administração estadual. A partir dessa demanda de organização, foi criado o espaço do museu para que as atividades fossem feitas com propriedade. Tais atividades foram realizadas pelos próprios funcionários do NDA, mesmo que não tivessem capacitação na área da Museologia.

A instituição museal tem como missão “prestar serviços à sociedade através da preservação, documentação, pesquisa e comunicação de seu acervo contribuindo para o fortalecimento da identidade e cidadania do povo catarinense” (MIS, p. 12, 2011).

O museu tem uma Associação de Amigos do MIS/SC que foi criada no mesmo ano de inauguração da instituição. Seu objetivo é apoiar as atividades culturais e artísticas do museu. (MIS, 2011, p.16).

O MIS sofreu algumas mudanças de localizações durante sua trajetória. Segundo o projeto de implementação do MIS/SC criado em 1987 (MIS, 2011, p.153), o museu deveria atuar na Unidade de Letras, Livraria e depósito da Unidade. No final do ano, a Comissão de Implementação do Museu criou um documento chamado “Parecer técnico sobre a implementação do Museu de Imagem e do Som”, foi concluído que a partir de dificuldades operacionais e financeiras, a comissão optou pela criação do Núcleo de Documentação Audiovisual. (MIS, 2011, p.16).

O museu teve que trocar de localização em 2009, sendo alocado para a ala sul do CIC, pelo fato que a FCC estava fazendo reformas. A instituição museal funcionou em apenas duas salas, uma com ar condicionado onde o acervo foi alocado e a copa. (MIS, 2011).

Desde 2011, o MIS se encontra em um local definitivo com cinco reservas técnicas, duas são climatizadas, todas as reservas técnicas têm conferência de temperatura e de umidade relativa, sendo monitoradas diariamente.

Seguindo sua missão institucional, o museu criou, em seu Plano Museológico, programas, sendo eles: Programa de exposições - exposições temporárias e itinerantes, que é elaborado anualmente pela administração, a partir da abertura de editais onde os curadores/artista propõem uma exposição; Programa de exposições - longa duração é elaborada pela administração e equipe técnica respeitando a missão do museu. Há também o Programa educativo e cultural que é elaborado anualmente pelo Setor de Museologia. O Programa de Pesquisa é desenvolvido pela Coordenação Técnica.

O museu criou várias ações culturais com o acervo do museu. Uma delas é o MIScuta, uma parceria com a FCC e a rádio UDESC FM, o programa é desenvolvido com vinis do acervo do MIS. Toda segunda-feira, às 18h, o MIScuta traz entrevistas com músicos que vão ao museu para escolher o disco ou discos que irá usar para produzir sua participação.

Figura 3 - Logo do MIScuta,



Fonte: FCC, 2018.

Outra iniciativa desenvolvida pela instituição é a chamada “Casa de Ideias”, que é um espaço virtual onde é apresentado, semanalmente, materiais digitais que propõem atividades nas áreas de fotografia, cinema e música. (MIS, 2021). Essa iniciativa é uma adaptação do espaço físico Caixa de Ideias, localizado no espaço expositivo do museu, mas por conta da pandemia, atualmente é feito virtualmente.

Tanto Caixa de Ideias, como Casa de Ideias têm como objetivo a criação de atividades pedagógicas para a comunidade.

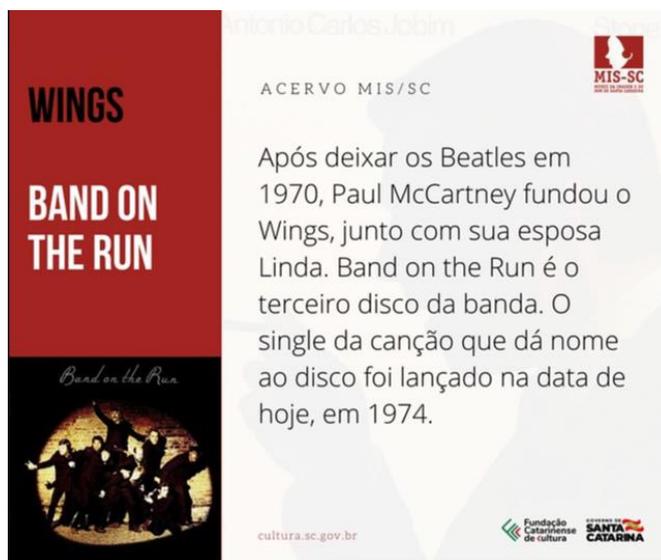
Figura 4 - Logo de Casa de Ideias



Fonte: FCC, 2018.

O projeto Discocards também foi desenvolvido por causa da pandemia causada pelo COVID-19 e consiste no desenvolvimento de pesquisa, produção e disponibilização de postagens nas redes sociais do museu com imagens e curiosidades sobre os discos do MIS. (MIS, 2021).

Figura 5 - DiscoCards edição 20 de abril de 2020.



Fonte: FCC, 2020.

A equipe técnica do museu é composta pela secretária Gláucia Cristina da Cruz, por Rodrigo Hoffmann Herd, responsável pelo Setor Audiovisual, Rafael Pedroso Dias que trabalha na Gestão de Projetos, Cândido Gazzoni, que trabalha no Setor de Conservação. O museu conta com duas estagiárias: Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino, que trabalha com Cândido no setor de Conservação, trabalhando também com a Documentação Museológica, e Jenniffer Leila Siqueira Borges, responsável pelas atividades educacionais do museu. A administradora do museu é Ana Lígia Becker. (MIS, 2021)

O acervo do MIS/SC é diversificado, mas necessariamente todos têm importância cultural para a comunidade catarinense. Inicialmente, como dito anteriormente, a necessidade de agrupar os objetos audiovisuais do estado criou o museu e seu acervo.

2.2 ACERVO E SUAS COLEÇÕES

A tipologia do acervo do MIS é audiovisual, que segundo Buarque (2008 apud MENDONÇA, 2012, p.183) é composta por documentos formados por imagens e sons gravados em suportes (exemplo: VHS, DVD, CD, etc.), ou seja, o conteúdo que é o acervo em si e não o suporte, diferente de outras tipologias de acervo, é necessário um equipamento tecnológico para reproduzi-lo. No museu, tal conteúdo é

chamado de “título” que pode ter mais do que uma ficha de catalogação pois tem o suporte, encarte, etc.

O MIS/SC é importante para o cenário cultural catarinense pois salvaguarda produções audiovisuais feitas pelos artistas catarinenses, há produções brasileiras e até internacionais, mas a instituição preza bastante para a produção estadual, já que o museu foi criado com esse objetivo principal.

O acervo do museu tem cinco coleções. A **Coleção I - Filmes** contém 1539 títulos (filmes). No total, há 4286 fichas de catalogação que são associadas a essa coleção, contendo suportes como película 35mm, 16mm, 8mm e super 8m, VHS, Umatic, DVcam, MiniDV, betacam, betamax, DVD e pen drive. No Plano Museológico (Prisma Cultural, 2011) e no Relatório Final do Projeto de Documentação (Prisma Cultural, 2011), há diretrizes que dividem a tipologia de cada objeto, na coleção I, um DVD tem um estojo e um encarte, ou seja, um título tem três objetos associados e cada um desses objetos possuem fichas de catalogação.

Figura 6 - Objeto Coleção I



Fonte: FCC, 2018.

A **Coleção II - Som** é composta por 2095 títulos compondo 4503 fichas de catalogação. A coleção inclui discos (tanto de vinil como de cera), CDs, fitas magnéticas de rolo, fitas cassetes e cartuchos de áudio e seus objetos associados como capas, encartes e estojos (MIS, 2021). Essa coleção é rica de produção nacional e catarinense com nomes importantes para nossa produção musical.

Figura 7 - Disco da Coleção II



Fonte: FCC, 2018.

A **Coleção III - Imagem** consiste em fotografias, negativos (vidro e película) que remete à paisagens naturais e culturais do país e principalmente do estado. Há 130 itens nessa coleção, a quantidade de fichas catalogação é a mesma, ou seja, essa coleção não tem objetos associados pois no Plano Museológico, o museu não considera os objetos de acondicionamento como acervo.

Figura 8 - Objeto Coleção III



Fonte: FCC, 2018.

A **Coleção IV - Equipamentos** contém objetos importantes para a criação de uma narrativa sobre aparelhos fílmicos e sonoros. Atualmente, a coleção dispõe de 383 fichas de catalogação.

Figura 9 - Coleção IV

Fonte: FCC, 2018.

A **Coleção V - Registros Textuais** foi desenvolvida para salvaguardar os projetos e roteiros submetidos ao Edital Catarinense de Cinema, partituras e autógrafos de personalidades. Há 163 fichas de catalogação e 158 títulos.

Conforme especificado no Plano Museológico (Prisma Cultural, 2011), há quatro formas de aquisição: doação, compra, permuta institucional e legado. Porém uma importante forma de aquisição que não está no plano é a do Edital.

A maioria do acervo do MIS/SC foi constituído através de doações de outros setores da FCC ou de outras instituições governamentais, de pessoas físicas, artistas, colecionadores, etc. Outra forma de aquisição muito importante do MIS, é através do Edital Catarinense de Cinema.

O Edital, criado em 2001, foi desenvolvido pelo governo estadual e tem como objetivo "fomentar o setor audiovisual no estado de Santa Catarina" (Santa Catarina, 2020). O edital é promovido pela FCC, existe uma comissão onde a administradora do MIS participa em conjunto de outros funcionários de outros setores da FCC. O MIS, além de ter corpo técnico na comissão de organização do edital, também salvaguarda o projeto escrito enviado pelos proponentes, passando para o roteiro da produção audiovisual até chegar no produto final: o filme ou série produzida e editada. Todos esses objetos são salvaguardados no museu e têm uma grande importância para a instituição. Um projeto que foi desenvolvido pelo edital e que é um lançamento importante é a série "Crisálida" que participou da edição de 2019, a série foi lançada na Netflix em maio de 2020 e mostra um universo nunca explorado antes no entretenimento: primeira série de ficção realizada no país em Libras e português. (Santa Catarina, 2020).

Figura 10 - Série “Crisálida”



Fonte: Site Série Crisálida, 2021.

O museu conta com 4.305 objetos musealizados e 9.762 fichas de catalogação, um número considerável para um museu com menos de 25 anos de criação.

Segundo o Plano Museológico (Prisma Cultural, 2011), há alguns procedimentos de documentação para um objeto entrar no museu. O primeiro passo é o preenchimento da Ficha de Entrada para Estudo e Posterior Aquisição, essa análise é feita pela Comissão de Acervo, que decide se o objeto irá entrar na instituição. Após decisão positiva, a instituição deve preencher o Termo de Aquisição pertinente à forma de aquisição do objeto (Termo de Doação, Termo de Permuta, etc.). Quando realizado todo o processo de aquisição do objeto, a museália é higienizada, é feita a criação de um número de identificação, onde é registrada no Inventário da Instituição. Após a criação do número de identificação, a ficha de catalogação do objeto é preenchida e apenas após isso, é inserido na reserva técnica.

Segundo Inês Aisengart Menezes (2019), o acervo audiovisual tem uma grande importância para a memória coletiva da nossa sociedade. Sua contribuição para o patrimônio cultural da sociedade brasileira é imensurável, pois essa tipologia

de acervo equivale à própria produção da cultura brasileira, por isso é indispensável a sua conservação e preservação plena. O MIS salvaguarda uma grande porcentagem da produção audiovisual de Santa Catarina, apenas demonstrando a importância que o museu tem para a sociedade.

3 DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E FICHAS DE CATALOGAÇÃO

Neste presente capítulo, serão apresentados conceitos basilares da Museologia para a compreensão da pesquisa desenvolvida. Apresentaremos uma discussão acerca do processo de musealização, museália, documentação museológica, diagnóstico e organização do acervo, metadados de fichas de catalogação, tipologia de acervo audiovisual e além de uma breve contextualização dos Museus de Imagem e do Som do país.

Quando o objeto entra no museu para se tornar parte do acervo, ele passa por um processo de musealização que, segundo Priscila Maria de Jesus,

Para compreender a legitimação de um patrimônio é necessário entender seu processo de musealização, ou melhor, no que consiste musealizar algo, que de uma forma inicial, pode ser entendida como a passagem do objeto para documento, ou seja, sua retirada de uma configuração real (sua função precípua) para se tornar um bem patrimonial. (2014, p.100)

Portanto, o processo de musealização acontece quando um objeto é retirado da sua origem, seu meio, e é inserido nos museus. A partir de sua entrada no museu, o objeto perde sua função social utilitária e passa a ter uma função cultural, de apreciação e estudo. Segundo a publicação “Conceitos-chaves de Museologia” (2014, p.57) quando o objeto sofre esse processo ele se transforma em museália, ou seja, em um objeto de museu. Após se tornar museália, sua função principal é de comunicar e entreter os públicos, o objeto em questão terá diferentes significados para cada pessoa que o vê, a musealização possibilita que o objeto seja interpretado a partir da subjetividade dos públicos.

Para que um objeto seja retirado da sua origem, é necessário reconhecer um “valor museal” (STRÁNSKÝ, 1974, p.30) durante a seleção. Por tal motivo a missão do museu é importante para que a instituição possa criar diretrizes de seleção de sua museália, sempre atendo ao valor que o objeto trará para o museu, respeitando sua missão e sua política de acervos.

Helena Ferrez (1994) em seu texto “Documentação museológica: teoria para uma boa prática” exemplifica que um objeto perde e ganha informações como resultado de seu uso, sua manutenção, sua deteriorização, etc., quanto há uma mudança de contexto, essas perdas e ganhos são mais destacados. As informações

são o testemunho do objeto, mesmo que elas tenham sido perdidas ou adquiridas no processo de musealização. Ferrez (1994) acentua que quando o objeto se torna museália, ele ganha mais informações a partir de pesquisas e de sua reutilização (função cultural), além de perder informação (função original). A pesquisadora pontua que a maioria das informações retiradas do objeto são extrínsecas e que há uma dificuldade maior para rastreá-las pelo fato de que a maioria dessas informações nunca foram registradas efetivamente no objeto.

A documentação é uma forma de salvaguardar informações tanto administrativas, como históricas e culturais. Segundo o livro “O que é documentação” de Johanna Smit (1987), essa prática tem técnicas que começaram a serem desenvolvidas em 1937 no 1º Congresso Mundial de Documentação em Paris, ou seja, o congresso representa a premissa de uma nova área de conhecimento com técnicas específicas para sua funcionalidade.

Para Smit (1987), a documentação serve como um filtro que tem como objetivo selecionar e organizar as informações demonstrando as mais importantes para determinado propósito. Cita como desafio à seleção de documentos que respondam à necessidade da instituição com os recursos disponíveis, que para os museus, geralmente são limitados. Smit (1987) exemplifica que para conseguir organizar as informações, é necessário criar um sistema mais complexo. O sistema museológico pode ser um dos mais complexos pois qualquer objeto pode ser musealizado se seu valor museal for comprovado, ou seja, há muitas técnicas e diretrizes a serem seguidas na documentação museológica, o que veremos a seguir.

Em seu texto “Museus: aquisição-documentação” (1986), Fernanda Camargo-Moro desenvolve um pensamento que demonstra a complexidade do acervo museológico, onde “o museu é a única instituição que aprecia e estuda objetos, com profundidade. Arquivos e Bibliotecas são envolvidos somente com material gráfico” (1986, p.42). Portanto, por ter um acervo diversificado, a documentação museológica por sua definição é mais complexa e completa, pois em um mesmo museu pode haver uma coleção de tipologia com objetos bidimensionais, como fotografias, pinturas, documentos históricos e culturais, etc., e uma coleção de objetos tridimensionais, como esculturas, equipamentos fotográficos, móveis, etc. Assim

sendo, todas ferramentas documentacionais devem estar atentas para todo o tipo de informação específica que os objetos podem vir a ter.

Uma documentação museológica bem estruturada com ferramentas significativas é muito importante para um bom funcionamento da organização do acervo do museu, funcionando também como a preservação da informação do acervo. Segundo Ferrez

a documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de conhecimento. (1994)

Conforme exemplificado pela autora, a documentação museológica, além de ser uma ferramenta para a preservação da informação do acervo, também tem um papel fundamental para a transmissão do conhecimento, sendo uma fonte de pesquisa científica. Por isso é tão importante documentar o acervo corretamente, através de uma documentação pertinente, o museu pode compartilhar as informações com pesquisadores externos (alunos, pesquisadores, etc.) e pesquisas internas (para comunicação museológica, ações educativas e criação de narrativas expositivas). O museu tem que conhecer seu acervo e a forma de fazê-lo é pesquisar sobre ele e documentá-lo.

A partir da pesquisa desenvolvida na documentação museológica dos acervos do museu, é possível criar não apenas fichas de catalogação, numeração, etc., mas também estratégias para os públicos externos como catálogos do acervo, resumos descritivos, etc., essas atividades podem ser desenvolvidas com metodologias criadas através da documentação visando a recuperação da informação.

As instituições museais devem seguir diretrizes exemplificadas pelo seu plano museológico e sua política de acervos, levando em conta a tipologia do seu acervo e de suas coleções. Contudo, segundo Ferrez (1994), há dois tipos de informações que podem ser extraídas de um objeto: as intrínsecas e as extrínsecas.

A primeira tem como objetivo a retirada de informações retiradas do próprio objeto através de sua descrição física (exemplo: material, cor, dimensão, etc.).

Enquanto no segundo tipo, são retiradas de outras fontes que não o objeto, como a função e o significado do objeto (obtidas pela interpretação do profissional, como significado simbólico, de função, valor emocional, etc.) e seu contexto e história (uso, deterioração, estado de conservação, etc.).

Em seu texto denominado “Documentação Museológica” (2006), Maria Inez Cândido exemplifica a documentação museológica como um instrumento essencial para todas as outras atividades do museu. O museólogo responsável pela documentação do museu é o elo entre o acervo, o museu e os públicos, pois através de seu trabalho de documentar e disponibilizar o acervo em banco de dados que cria iniciativas de pesquisa interna e externa para a disseminação do acervo e de seu conhecimento.

São ferramentas fundamentais na documentação museológica segundo Camargo-Moro (1986): termo de entrada do objeto, dar entrada no objeto criando um número de registro para preencher o Livro Tombo (ou de Registro) e a ficha de catalogação. A partir dessas atividades, a facilidade de recuperação de informação é demonstrada quando uma pesquisa interna ou externa for precisa.

O diagnóstico museológico é uma ferramenta que visa o planejamento da instituição, onde se percebe as potencialidades e desafios que o museu deve enfrentar para um pleno funcionamento. Segundo Ortiz (2013) seu objetivo principal é a identificação e a compreensão destes aspectos com finalidade de reconhecer as atividades que devem ser desenvolvidas para que as brechas possam ser preenchidas. Segundo Manuelina Maria Duarte Cândido:

Nosso interesse é a instituição como um todo, este diagnóstico considera aspectos amplos do museu como a gestão e também de outros campos, podendo ser aprofundado em diagnósticos específicos ou também recorrer a eles para obter dados analisados por especialistas das áreas em questão. (2010, p.127)

A autora sintetiza a ideia do diagnóstico como uma atividade ampla onde é necessário pensar em todos os aspectos do museu, para através de sua leitura, o profissional do museu pode criar estratégias, métodos e diretrizes para desenvolver atividades na instituição. O diagnóstico museológico serve como um documento basilar para tais profissionais entenderem a necessidade do museu e o que deve ser

feito para sanar tais necessidades, podendo exercer práticas em todas as áreas de atuação, como a documentação, a comunicação, a preservação, etc.

Diante disso, durante a pesquisa desenvolvida, foi realizado um diagnóstico do acervo do MIS, pois foi percebido uma necessidade de aprimorar as atividades já desenvolvidas. Em especial, das fichas de catalogação, reparando os desafios do banco de dados (os erros) para que a funcionalidade da documentação da instituição seja aprimorada.

Outra importante ferramenta para a documentação museológica é a Política de Aquisição do museu. Stranský (1989) em “Política Corrente de Aquisição e Adaptação às Necessidades de Amanhã” usa o termo “coleta museal” ao invés de “aquisição” por achar o segundo limitado. Segundo o autor, para fazer a coleta museal é imprescindível investigar as fontes, ou seja, o museólogo tem que exercer o papel de investigador da história do acervo e de sua aquisição para que o caráter heurístico seja apropriado corretamente. A coleta museal/aquisição do objeto não tem definição clara, porém em contrapartida, muitos pesquisadores do campo museal difundem a ideia de que se trata da seleção dos objetos para o museu se apropriar onde sua finalidade é a apresentação. Contudo, segundo Stranský

nos últimos anos, constata-se a transposição da coleta museal para o domínio da documentação, concebida de modo amplo. Mas existe também a orientação cultural-histórica que concebe a coleta museal como uma atividade que satisfaz às necessidades da criação e conservação do patrimônio cultural. (1989, p.95)

Portanto, a aquisição não se limita à entrada do objeto na instituição. É a partir de suas ferramentas funcionais que o museu busca garantir a conservação do patrimônio cultural da sociedade. Camargo-Moro (1986), em seu texto intitulado “Políticas e Procedimentos para Aquisições” demonstra que é pela aquisição do acervo e sua interpretação que o mesmo se comunica, desenvolvendo sua proposta cultural e a equipe do museu tem papel fundamental neste desenvolvimento, “A responsabilidade que o profissional de museu tem frente às gerações passadas e futuras na transmissão dos bens culturais, sua herança cultural, é imensa” (1986, p.17).

A autora exemplifica em seu texto quais são as formas de aquisição que uma instituição museal pode ter, nos lembrando que tais formas devem estar

apresentadas na Política de Aquisição da instituição. As formas mais comuns de aquisição em museus são: coleta de campo (mais frequente em museus de arqueologia e etnologia); compra, permuta, doação, legado, depósitos permanentes e empréstimos (curto ou longo prazo).

A Política de Aquisição é uma das ferramentas essenciais para a criação de uma gestão de acervo do museu, que visa, através de métodos e práticas museais, a criação de estratégias de gestão, sendo uma importante ferramenta para a criação de uma narrativa do objeto e sua funcionalidade dentro do museu.

A gestão do acervo é um instrumento importante para a organização e salvaguarda do acervo em si. Segundo Nicola Ladkin

a gestão do acervo é o termo aplicado aos vários métodos legais, éticos, técnicos e práticos pelos quais as coleções do museu são formadas, organizadas, recolhidas, interpretadas e preservadas. A gestão do acervo foca-se na preservação das coleções, preocupando-se pelo seu bem-estar físico e segurança, a longo prazo. Preocupa-se com a preservação e a utilização do acervo, e registro de dados, e em que medida o acervo apoia a missão e propósito do museu. (2004, p.17)

Sendo um dispositivo fundamental para a instituição, a gestão de acervo tem como foco principal a organização, salvaguarda, segurança e uso do objeto focando na sua missão como museália e respeitando a missão do museu.

A gestão de acervo, segundo Ladkin (2004), tem muitas ferramentas para sua prática, o registro de inscrição do objeto é o primeiro passo para criar sua história no museu. Cada forma de aquisição tem seu próprio documento com informações específicas para a entrada do objeto (termo de doação, termo de compra, termo de permuta, etc.). Cada museu exemplifica na Política de Acervos a forma de como esses documentos devem ser organizados, mas é imprescindível a existência do documento de entrada do objeto para fins de pesquisa e histórico do objeto no museu.

Em seu texto, Ladkin exemplifica quais os próximos passos para quando o objeto entra no museu. “A catalogação é o processo de identificação, com pormenores descritivos, de cada objeto do acervo e a atribuição de um número de identificação únicos.” (2004, p.21). A numeração do objeto é fundamentalmente importante para a entrada do objeto, pois é ela que identifica o objeto entre todo o

acervo da instituição, é importante que a numeração esteja demonstrada tanto na ficha de catalogação, como no objeto, porém a marcação na museália deve ser reversível.

Além disso, outra relevante atividade para a documentação museológica e gestão de acervo é o estado de conservação do objeto. Para que o objeto entre no museu, é necessário fazer um relatório do estado de conservação, que segundo Ladkin

é um documento composto pela descrição escrita e visual do aspecto do objeto, estado de preservação e qualquer defeito, a determinada altura. O primeiro relatório sobre o estado de conservação deve ser feito quando o objeto é incorporado. E depois atualizado, sempre que o objeto é envolvido em qualquer atividade, como parte de uma exposição ou mostra ou antes e depois de um empréstimo externo. A fazê-lo, qualquer dano também deve ser atualizado após qualquer dano acidental e antes do tratamento de conservação. O relatório deve incluir o número de incorporação ou do catálogo do objeto, composição, tipo, local e extensão do dano, concertos prévios, nome do examinador e data do exame. (2004, p.24).

Desta forma, o objeto terá seu histórico e contexto bem delineado em toda sua vida útil no museu. É importante lembrar que o objeto é finito, ou seja, um dia não existirá mais, por isso é fundamental registrar o máximo dessa vida finita para as próximas gerações. O estado de conservação é uma ferramenta da documentação museológica muito importante para a gestão do acervo.

A partir disso, podemos partir para outra atividade museológica importante no funcionamento do museu: o armazenamento do acervo e sua funcionalidade. A salvaguarda do acervo é fundamental para conservação do mesmo e abrange o espaço físico onde está acondicionado o objeto com objeto principal de conservar o objeto da melhor forma possível e com os recursos possíveis da instituição. Ladkin explica que

as áreas de armazenamento do acervo protegem os objetos contra fatores ambientais prejudiciais, acidentais, desastres e roubos preservando-os para o futuro. Por isso existe uma ativa preservação do acervo. Deve ter níveis de luminosidade baixos, temperatura estável e umidade relativa e sem poluentes atmosféricos e

pragas. Por isso é necessário que o mobiliário e os materiais de embalagem, que estão em contato com o acervo, sejam estáveis e não reativos. Os objetos devem manter algum espaço entre si de forma a permitir um manuseamento fácil. (2004, p.25).

A efetividade do armazenamento é fundamental para a conservação do objeto com intuito de prolongar a vida do objeto. Lembrando que para cada tipologia de objeto, há técnicas de armazenamento com baixos níveis de deterioração, sendo necessário uma pesquisa especializada para cada tipologia de acervo, levando em conta os recursos disponíveis de cada instituição.

As fichas de catalogação do acervo, como demonstrado anteriormente, é uma atividade essencial para a documentação museológica e o funcionamento geral do museu. Renata Padilha (2014, p.51) descreve a ficha de catalogação como “um instrumento de auxílio para a documentação dos objetos”. Saliencia ainda a importância da padronização dos metadados que serão inseridas nas fichas. As fichas de catalogação são preenchidas com as informações intrínsecas e extrínsecas retiradas do objeto, demonstrando ainda mais como o trabalho do museólogo é importante para o bom funcionamento do museu.

Segundo Luiz Fernando de Barros Campos (p.16, 2007) “metadados são habitualmente definidos simplesmente como dados descrevendo outros dados” (p.16, 2007). Ou seja, um metadado é um dado que ajuda a localizar outro dado. Necessariamente é informação e por isso é importante sua adequação nas fichas de catalogação, pois facilita o encontro das informações.

O acervo de um determinado museu tem especificações que devem ser levadas em conta na hora de criar uma ficha de catalogação bem estruturada, mas essa criação deve levar em conta a Resolução Normativa Nº2 do IBRAM de 29 de agosto de 2014, que determina quais metadados devem ser utilizados para a criação de uma ficha sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico:

Art. 1º - Esta Resolução Normativa estabelece os elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados – INBCM, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013 e a Resolução Normativa nº 1, de 31 de julho de 2014. (BRASIL, 2014)

A partir dessa resolução, o IBRAM exemplificou quais metadados basilares devem conter nas fichas de catalogação dos museus, lembrando sempre que as tipologias dos acervos podem influenciar na criação das fichas, sendo necessário o museu criar novos metadados não previstos neste documento. Segundo a resolução, os metadados são

I - Elementos de descrição para identificação do bem cultural de caráter museológico:

a) número de registro - informação obrigatória do registro individual definido pelo museu para identificação e controle do objeto dentro do acervo;

b) outros números - informação facultativa de numerações anteriores atribuídas ao objeto, tais como números antigos e números patrimoniais;

c) situação - informação obrigatória da situação em que se encontra o objeto, o seu status dentro do acervo do museu, com a marcação das opções: 1- localizado; 2 – não localizado; 3 - excluído;

d) denominação - informação obrigatória do nome que identifica o objeto;

e) título - informação facultativa da denominação dada ao objeto atribuído pelo autor, curador ou pelo profissional da documentação;

f) autor -: informação obrigatória do nome do autor do objeto (individual ou coletivo); g) classificação - informação facultativa da classificação do objeto segundo o "Thesaurus para Acervos Museológicos ou outros vocabulários controlados;

h) resumo descritivo - informação obrigatória do resumo da descrição textual do objeto, apresentando as características que o identifique inequivocamente e sua função original;

i) dimensões - informação obrigatória das dimensões físicas do objeto, considerando-se as medidas bidimensionais (altura x largura); tridimensionais (altura x largura x profundidade); circulares (diâmetro x espessura) e peso;

j) material / técnica - informação obrigatória dos materiais do suporte que compõem o objeto, hierarquizando sempre a sua maior área confeccionada/manufaturada e a técnica empregada na sua manufatura;

k) estado de conservação - informação obrigatória do estado de conservação em que se encontra o objeto na data da inserção das informações;

l) local de produção - informação facultativa da indicação geográfica do local onde o objeto foi confeccionado;

m) data de produção - informação facultativa da data ou período de confecção/produção/manufatura do objeto;

n) condições de reprodução - informação obrigatória com a descrição das condições de reprodução do objeto, indicando se há alguma

restrição que possa impedir a reprodução/divulgação da imagem do objeto nos meios ou ferramentas de divulgação;
o) mídias relacionadas - informação facultativa acerca da inserção de arquivos de imagem, sons, vídeos e/ou textuais relacionados ao objeto.
(BRASIL,2014)

Por ser uma resolução do IBRAM, é fundamental que os museus respeitem esse documento, mesmo que seja recente no olhar museológico, já que a área existe no Brasil desde a década de 30. Segundo Renata Cardozo Padilha e Lígia Maria Arruda Café (2017) citam a importância da interoperabilidade semântica entre os acervos de instituições museais como uma ferramenta de conservação e disseminação do conhecimento, a partir da ideia de que a padronização mínima dos metadados entre instituições podem ajudar nesse cenário de divulgação do patrimônio cultural da sociedade.

A interoperabilidade tem como foco a comunicação entre instituições, pensando nas tipologias dos acervos das mesmas. Por isso é importante conhecer as tipologias do acervo dos museus de imagem e do som, para que possa descobrir estratégias de ligação entre instituições. Essa interoperabilidade bem estruturada pode criar ferramentas interessantes para a área museal, como se uma rede de museus fosse criada para desenvolver um vocabulário controlado de uma tipologia de acervo específica, por exemplo, criando assim uma padronização nas formas de preenchimento de metadados facilitando o diálogo entre acervos de instituição e seus públicos.

Os museus de imagem e do som têm um acervo variado com objetos de diferentes tipologias. O acervo varia de fotografias, produções cinematográficas (com vários suportes, como VHS, DVD, etc.), produções musicais (suportes como disco de vinil, CD, etc.), produções textuais (como roteiros, cartazes, etc.).

Segundo a publicação do IBRAM intitulada Guia dos Museus Brasileiros de 2011, a tipologia das coleções que são preservadas pelos museus são variadas, como Antropologia e Etnologia, de Arqueologia, de Artes Visuais, de Ciências Naturais e História Natural, etc. Sendo que um mesmo museu pode ter mais do que uma tipologia como acervo. No documento, a instituição exemplifica a coleção de Imagem e Som dos museus, como sendo “documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos.” (2011, p.19).

Segundo Danielle de Noronha no site da Associação Brasileira de Cinematografia (2021), existe no Brasil atualmente, três arquivos públicos que são relacionados à preservação do audiovisual, sendo eles: Cinemateca Brasileira, Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Arquivo Nacional.

Segundo o Guia de Museus (2011), há vinte e seis museus de Imagem e do Som no Brasil. Na região norte há quatro museus, sendo eles: Museu de Imagem e do Som do Amapá fundado em 2007, Museu de Imagem e do Som do Amazonas, inaugurado em 2000, Museu de Imagem e do Som do Pará, fundado em 1971 e Museu de Imagem e do Som de Cacoal que foi inaugurado em 2005.

Há cinco museus de Imagem e do Som no nordeste do país, sendo elas: Museu de Imagem e do Som de Pernambuco fundado em 1970, Museu Iguatense de Imagem e do Som Francisco Alcântara Nogueira inaugurado em 1995, Museu de Imagem e do Som de Limoeiro do Norte fundado em 2003, Museu de Imagem e do Som do Ceará que foi fundado em 1980, o Museu de Som e Imagem da Cidade Cruz, inaugurado em 1987.

Na região centro-oeste do Brasil, há cinco museus dessa tipologia: em Goiás, o Museu de Imagem e do Som de Goiás inaugurado em 1988, Museu de Imagem e do Som de Cuiabá teve sua inauguração em 2006, Museu de Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul fundado em 1997, Museu de Imagem e do Som de Araxá inaugurado em 2001 e o Museu Histórico, Documental, Fotográfico e do Som de Pará de Minas inaugurado em 1984.

No sudeste há mais cinco museus de Imagem e do Som, sendo eles: Museu de Imagem e do Som de São Mateus (ES) inaugurado em 2002, Museu de Imagem e do Som José da Silva Bueno (SP) aberto desde 1981, Museu de Imagem e do Som de Santos (SP) inaugurado em 1996, Museu de Imagem e do Som de São Paulo fundado em 1970, Museu de Imagem e do Som de Taubaté aberto desde 1995.

Na região sul, há cinco museus de Imagem e do Som: em 1988 foi inaugurado o Museu de Imagem e do Som de Cascavel, Museu de Imagem e do Som de Paraná fundado em 1969, Museu do Som Regional em Porto Alegre, Museu de Imagem e do Som de Porto Alegre e Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina que foi inaugurado em 1998.

Como percebido, há museu de imagem e do som em todas as regiões do país, o que demonstra a importância dessa tipologia de museus para a sociedade, pois assim é criada formas especializadas de salvaguarda, conservação, preservação e disseminação dessa importante produção cultural brasileira.

De acordo com Angélica Gasparotto de Oliveira (2016) em seu artigo intitulado “Preservação de acervo audiovisual” publicado na Revista Ibero-America de Ciência da Informação, ela exemplifica que em 1995 foi definida diretrizes do Programa Memória do Mundo, que teve como objetivo a definição de diretrizes para a preservação dos acervos em escala mundial. Oliveira (2016) cita em seu artigo que nessa publicação, foi exemplificado a importância da conservação do patrimônio fílmico pela sua inegável contribuição para o desenvolvimento da nossa cultura.

4 ANÁLISE

A pesquisa desenvolvida neste trabalho se baseia nas fichas de catalogação do museu e seus metadados (campos informacionais). No presente capítulo, será apresentado as fichas de cada coleção e seus metadados, explicando o trabalho desenvolvido durante a pandemia para o MIS/SC, quais documentos foram criados para tal diagnóstico ser realizado, além de analisar a porcentagem de metadados que foram preenchidos, demonstrando quais são basilares e que devem ser preenchidos comparando com a Resolução Normativa Nº2 de 2014 do IBRAM, buscando discutir se há possibilidades (e necessidade) de inclusão de novos metadados.

4.1 BANCO DE DADOS, FICHAS DE CATALOGAÇÃO E SEUS METADADOS

O banco de dados do MIS/SC atualmente está elaborado no Microsoft Office Access 2007, que segundo o Plano Museológico foi desenvolvido

como uma solução paliativa, para que não fossem elaboradas fichas impressas com preenchimento manual, não se tratando de um software de gerenciamento de acervo museológico, portanto não oferece soluções avançadas de gerenciamento e recuperação da informação. No entanto, oferece uma interface amigável na qual, mesmo sem experiência, o usuário consegue inserir e editar os dados, controlando e recuperando as informações. (2011, p.47)

Apesar de não ser uma ferramenta de software específica para gerenciar acervos museológicos, o Access provou ser um instrumento importante para a organização da documentação do museu. Seu software é flexível e pode ser personalizável conforme a escolha da instituição, o que torna uma boa opção para o museu que precisa de uma ferramenta intuitiva para o profissional que trabalharia com o banco de dados.

Figura 11 - Página Menu do Banco de Dados do MIS

Fonte: Plano Museológico do MIS/SC, 2011.

A figura 11 representa o menu do banco de dados, o profissional deve escolher qual coleção quer abrir para que as fichas de catalogação da coleção sejam abertas. A seguir apresentaremos as fichas de catalogação de cada coleção e seus metadados.

A Coleção I - Filmes, segundo o Plano Museológico (2011, p.99) a coleção contava com 1277 filmes, com sistemas diversos, como: película, MiniDV, DVcam, VHS, Betacam, Betamax, Utamic e DVD. Atualmente, com o levantamento feito durante o desenvolvimento do trabalho, foram registrados 1539 filmes, totalizando 4298 fichas de catalogação. Comparando com o Plano Museológico de 2011 e com a quantidade de objetos documentados, foi percebido um aumento de 20,51% do acervo da coleção I.

Figura 12 - Ficha de catalogação Coleção I, Filmes

Fonte: Plano Museológico do MIS/SC, 2011.

A partir da figura 12 podemos perceber quais metadados estão presentes na ficha de catalogação da coleção I - filmes do museu. Ao todo são 32 metadados presentes nessa ficha, porém 26 metadados (quadro 1) foram analisados para essa pesquisa, os metadados que foram deixados de fora foram: **autorização de uso**, **com restrições**, **restaurado**, **anexo**, **registrado por** e **data de registro**. Os metadados analisados são esses abaixo:

Quadro 1 - Lista de Metadados analisados Coleção I

METADADO
Nome do Objeto
Nº Inventário
Objetos Associados
Outros Números
Modo de Aquisição

Data de Aquisição
Procedência
Origem
Local de Gravação
Ano de Lançamento
Suporte
Sistema
Gênero
Realização
Produção
Direção
Roteiro
Elenco Principal
Ficha Técnica
Sinopse
Descrição Física
Estado de Conservação
Histórico
Bibliografia
Referências Bibliográficas
Observações

Fonte: criado pela autora, 2021 .

A coleção II - Som, em 2011, foram registrados 2061 títulos e desdobramentos, totalizando 4378 objetos. Seu acervo é composto por discos (de vinil e de cera), CD's, fitas cassetes, fitas magnéticas de rolo e cartuchos de áudio” (2011, p.100). Atualmente, o acervo contém 2095 títulos, totalizando 4499 fichas de catalogação, apresentando um aumento de 1,64% referente à comparação do Plano Museológico de 2011 e a quantidade registrada no banco de dados da instituição.

Figura 13 - Ficha de Catalogação Coleção II, Som

Figura 8 - Ficha de identificação da Coleção II – Som

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO - SOM

NOME DO OBJETO: _____ Nº INVENTÁRIO: _____
 OUTROS NÚMEROS: _____ OBJETOS ASSOCIADOS: _____
 PROCEDÊNCIA: _____ DATA DE AQUISIÇÃO: _____
 MODO DE AQUISIÇÃO: _____ ORIGEM: _____
 ANO DE GRAVAÇÃO: _____ LOCAL DE GRAVAÇÃO: _____
 PRODUTORA: _____ GÊNERO MUSICAL: _____
 INTERPRETE: _____
 CONTEÚDO: _____
 SUPORTE: _____
 DESCRIÇÃO: _____
 AUTORIZAÇÃO DE USO COM RESTRIÇÕES: _____
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: _____ RESTAURADO ANEXO: _____
 HISTÓRICO: _____
 BIBLIOGRAFIA: _____
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: _____
 OBSERVAÇÕES: _____
 REGISTRADO POR: _____ DATA DE REGISTRO: _____

Elaborado por: Renilda Oliveira

Fonte: Plano Museológico do MIS/SC, ano

Como visto na figura 13, há 27 metadados na ficha de catalogação da coleção II, porém apenas 21 foram analisados, sendo deixados de fora: **autorização de uso, com restrições, restaurado, anexo, registrado por e data de registro**. Seguindo a ferramenta desenvolvida para identificar os metadados, segue abaixo os metadados:

Quadro 2 - Lista de metadados analisados Coleção II

METADADO
Nome do Objeto
Número Inventário
Objetos Associados
Outros Números
Procedência
Data de Aquisição

Modo de Aquisição
Origem
Ano de Gravação
Local de Gravação
Produtora
Gênero Musical
Intérprete
Conteúdo
Suporte
Descrição
Estado de Conservação
Histórico
Bibliografia
Referências Bibliográficas
Observações

Fonte: criado pela autora, 2021.

A coleção III - Imagem, desde a criação do Plano Museológico em 2011, consta com a mesma quantidade de objetos, 130 títulos com 130 fichas de catalogação. A coleção tem fotografias, diapositivos, negativos e positivo.

Figura 14 - Ficha de Catalogação Coleção III, Imagem

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO - IMAGEM

NOME DO OBJETO: _____ Nº INVENTÁRIO: _____
 OUTROS NÚMEROS: _____ OBJETOS ASSOCIADOS: _____
 MODO DE AQUISIÇÃO: _____ DATA DE AQUISIÇÃO: _____
 ORIGEM: _____ SUPORTE: _____ ANO DE PRODUÇÃO: _____
 PROCEDÊNCIA: _____
 AUTOR: _____
 DESCRIÇÃO DA IMAGEM: _____
 AUTORIZAÇÃO DE USO COM RESTRIÇÕES _____
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: _____ RESTAURADO ANEXO: _____
 HISTÓRICO: _____
 BIBLIOGRAFIA: _____
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: _____
 OBSERVAÇÕES: _____
 REGISTRADO POR: _____ DATA DE REGISTRO: _____

Elaborado por: Renilda Oliveira

Fonte: Plano Museológico do MIS/SC, 2011.

Como demonstrado na figura 14, a ficha de catalogação da coleção III possui 23 metadados, contudo, para realizar essa pesquisa foram analisados 17 desse total (quadro 3). Os que não foram analisados são: **autorização de uso, com restrições, restaurado, anexo, registrado por e data de registro**. A seguir, no quadro 3, a listagem dos metadados

Quadro 3 - Lista de metadados analisados Coleção III

METADADO
Nome do Objeto
Número Inventário
Objetos Associados
Outros Números
Modo de Aquisição
Data de Aquisição
Origem
Suporte
Ano de Produção
Procedência
Autor
Descrição da Imagem
Estado de Conservação
Histórico
Bibliografia
Referências Bibliográficas
Observações

Fonte: Criado pela autora, 2021.

A Coleção IV - Equipamentos é outra que manteve a quantidade do acervo sendo a mesma demonstrada no Plano Museológico de 2011, são 154 objetos e 383 fichas de catalogação. Essa coleção é composta por equipamentos que funcionam perfeitamente e que são usados para reproduzir as mídias dos outros objetos do museu, ou seja, um bom exemplo de uso de valor cultural e utilitário.

Data de Fabricação
Descrição do Objeto
Estado de Conservação
Histórico
Bibliografia
Referências Bibliográficas
Observações

Fonte: Criado pela autora, 2021.

A coleção V - Registros Textuais, tinha registrado em 2011, 98 títulos e 102 objetos. Atualmente, com o levantamento desenvolvido, foi constatado que houve um aumento de 61,22% nos títulos dessa coleção, totalizando 158 títulos e 163 fichas de catalogação. Abaixo, há a ficha de catalogação da coleção.

Figura 16 - Ficha de Catalogação Coleção V, Registros Textuais

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO - REGISTROS TEXTUAIS

NOME DO OBJETO: _____ Nº INVENTÁRIO: _____
 OUTROS NÚMEROS: _____ OBJETOS ASSOCIADOS: _____
 ORIGEM: _____ PROCEDÊNCIA: _____
 MODO DE AQUISIÇÃO: _____ DATA DE AQUISIÇÃO: _____
 CATEGORIA: _____ DATA DE PRODUÇÃO: _____
 AUTOR PROPONENTE: _____
 DESCRIÇÃO: _____
 AUTORIZAÇÃO DE USO COM RESTRIÇÕES _____
 ESTADO DE CONSERVAÇÃO: _____ RESTAURADO ANEXO: _____
 HISTÓRICO: _____
 BIBLIOGRAFIA: _____
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: _____
 OBSERVAÇÕES: _____
 REGISTRADO POR: _____ DATA DE REGISTRO: _____

Registros: 4 de 102 de 102 | 0, sem filtro | Pesquisar

laborado por: Renilda Oliveira

Fonte: Plano Museológico do MIS/SC, 2011.

Há 23 metadados na ficha de catalogação dessa coleção, contudo foram analisados 17 metadados (quadro 5), deixando de fora: **autorização de uso, com restrições, restaurado, anexo, registrado por e data de registro**. No quadro 5, a seguir, está demonstrado quais metadados foram analisados.

Quadro 5 - Lista de metadados Coleção V

METADADO
Nome do Objeto
Número Inventário
Objetos Associados
Outros Números
Origem
Procedência
Modo de Aquisição
Data de Aquisição
Categoria
Data de Produção

Autor
Descrição
Estado de Conservação
Histórico
Bibliografia
Referências Bibliográficas
Observações

Fonte: criado pela autora, 2021.

De todos os metadados das fichas de catalogação, não foram analisados os metadados **autorização de uso, com restrições, restaurado, anexo, registrado por** e **data de registro** pois para o objeto em si, são informações secundárias. Além de que **autorização de uso, com restrições, restaurado** e **anexo** nunca foram preenchidos em toda a conferência feita. **Registrado por** e **data de registro** foram preenchidas em muitas fichas, mas são informações para saber quem e quando preencheu as fichas e não sobre o objeto em si, por isso a escolha de não analisá-los.

A partir disso, deve-se analisar o padrão de metadados usados nos cinco modelos de fichas de catalogação. Os metadados que estão em todas as fichas são: **nome do objeto, número inventário, objetos associados, outros números, modo de aquisição, data de aquisição, procedência, origem, descrição, estado de conservação, histórico, bibliografia, referências bibliográficas e observações**. São informações imprescindíveis para o conhecimento do objeto museal pela instituição.

As fichas de catalogação da coleção I - Filmes, tem mais doze metadados especializados para a coleção, sendo eles: **local de gravação, ano de lançamento, suporte, sistema, gênero, realização, produção, direção, roteiro, elenco principal, ficha técnica e sinopse**. A coleção é composta por várias tipologias de objetos cinematográficos, como a película, DVD, VHS, etc. e cada um deles tem um tipo de suporte e sistema para reprodução, o que demonstra a importância de metadados especializados. Além disso, o filme tem outras especificações técnicas em sua produção que devem ser apontadas nas fichas.

A coleção II - Som tem sete metadados especializados: **ano de gravação, local de gravação, produtora, gênero musical, intérprete, conteúdo e suporte**. Para conhecer melhor uma produção musical, é importante ter as informações de seu desenvolvimento, desde sua produção até seu conteúdo musical.

Os metadados especializados da coleção III - Imagem são apenas três: **suporte, ano de produção e autor**. A coleção IV - Equipamentos tem mais dois metadados além dos basilares: **fabricante e data de fabricação, pois** é necessário saber sobre a produção do objeto. A coleção V - Registros Textuais conta com mais três metadados: **categoria, data de produção e autor**.

Antes de que possamos pensar especificamente nos metadados, é necessário explicar o trabalho que foi desenvolvido para que essa pesquisa existisse, que é o levantamento criado para a conferência das fichas de catalogação do museu.

Foi desenvolvido um documento no Planilha do Google Drive (figura 17) nomeado “Ficha Identificação Acervo” onde toda a equipe tem acesso. É neste documento que a conferência das fichas de catalogação são feitas.

Cada coleção tem uma lista própria, pois os metadados das fichas de catalogação são diferentes. Cada letra do alfabeto representa um metadado e quando a informação está preenchida na ficha, é colocado um X para indicar que a informação está preenchida. Os números acima dos metadados indicam quantas linhas estão preenchidas com o X, ou seja, quantos objetos completaram uma informação (exemplo: o metadado “origem” foi preenchido em 90 fichas de catalogação).

Figura 17 - “Ficha Identificação Acervo”, Coleção V - Registros Textuais (3.1)

		Total na coluna										
		8	38	90	8	158	127	160	142	158	161	155
Nome do Objeto Nº Inventário		Objetos Associ	Outros Números	Origem	Procedência	Modo de Aquisi	Data de Aquisiç	Categoria	Data de Produç	Autor	Descrição	Estado de Co
O preço da ilusão MIS.V.001.1		X		X	X	X		X	X	X	X	X
O filme que ninga MIS.V.001.2		X		X	X	X		X	X	X	X	X
O filme que ninga MIS.V.001.3		X		X	X	X		X	X	X	X	X
O filme que ninga MIS.V.001.4		X		X	X	X		X	X	X	X	X
O filme que ninga MIS.V.001.5		X		X	X	X		X	X	X	X	X
Hór MIS.V.002						X		X	X	X	X	X
Vou Voltar MIS.V.003			X			X		X		X	X	X
Kola-Marte MIS.V.004			X	X		X		X		X	X	X
Corpo presente MIS.V.005						X		X		X	X	X
Ofélia dos Navios MIS.V.006				X		X		X		X	X	X
Somente os hom MIS.V.007						X		X	X	X	X	X
Outros carnavais MIS.V.008						X		X		X	X	X
Cabeção MIS.V.009				X		X		X		X	X	X
Theodora MIS.V.010			X			X		X	X	X	X	X
O pequeno princ MIS.V.011			X			X		X		X	X	X
Noturno vida e ol MIS.V.012				X		X		X	X	X	X	X
Asfixia MIS.V.013			X					X		X	X	X
O silêncio das pa MIS.V.014				X		X		X		X	X	X
Duas vezes depc MIS.V.015				X	X	X		X		X	X	X
Miramar, um oha MIS.V.016				X		X		X		X	X	X

Fonte: MIS/SC, 2021.

Além de buscar conferir quais informações estão preenchidas e quais faltam que são muito necessárias, esse diagnóstico também tem um intuito de encontrar equívocos para serem corrigidos para que o banco de dados esteja o mais completo possível. Para isso, foi criado um documento nomeado “Lista de Erros no Banco de Dados” (figura 18), onde é apontado quais são esses equívocos e quais as formas de corrigi-los.

Figura 18 - “Lista de Erros no Banco de Dados” do MIS/S (3.2)

Data	Objetos Relacionados	Erro	Ideia de Solução
13/04/2020	MIS.V.001, MIS.V.002, MIS.V.003, MIS.V.004 e MIS.V.005	Segundo o NOME DO OBJETO e a DESCRIÇÃO do número MIS.V.001, o objeto chama-se “O preço da ilusão” e têm mais quatro números associados, porém os outros têm o NOME DO OBJETO como “O FILME QUE NINGUÉM VIU”, porém no campo DESCRIÇÃO diz que é um “Dossiê O preço da ilusão (...)”.	Conferir no objeto físico o nome do mesmo e trocá-lo.
12/05/2020	MIS.II.132.1, MIS.II.132.2 (repetido)	O número MIS.II.132.1 é o disco em si (Belchior: elogio da loucura); o número MIS.II.132.2 é a capa do disco; e o encarte que seria o MIS.II.132.3 está com número de MIS.II.132.1.	Conferir qual número é o do encarte e trocar no Banco de Dados.
12/05/2020	MIS.II.170.1 e MIS.II.171.1	No objeto MIS.II.170.1 o Rio Grande do Sul está escrito por extenso e no MIS.II.171.1 está abreviado (RS).	Mudar o segundo objeto.
24/06/2020	MIS.II.288.1	Escrito “gurreira”.	Arrumar para “guerreira”.
24/06/2020	MIS.II.339.1	Escrito “Caymmy”.	Arrumar para “Caymmi”.
24/06/2020	MIS.II.353.1	Escrito “tempo”.	Arrumar para “tempo”.
Período de	MIS.II.011.2;	O nome do objeto está como	Conferir se é capa

Fonte: MIS/SC, 2021.

Os erros mais encontrados durante o diagnóstico serão resolvidos facilmente, sendo em maioria erros de português, confusão dos números de inventário, etc. O que foi percebido ao longo da conferência de todas as fichas de catalogação do acervo da instituição, foi que metadados basilares deveriam ser preenchidos para garantir o máximo de conhecimento da museália para as gerações futuras e a equipe futura do museu.

Foram necessários 14 meses para desenvolver o trabalho de conferência de todas as fichas de catalogação do acervo do MIS/SC, que foi a base para o trabalho de diagnóstico da documentação realizada nesta pesquisa.

4.2 ANÁLISE DOS METADADOS

Nessa parte do capítulo, serão apresentados dados estatísticos sobre cada metadado, além de discutir quais destes metadados são basilares comparando com a Resolução nº2 do Ibram de 2014, exemplificando quais são importantes não estão sendo preenchidos e porque deveriam ser, no final dessa discussão, será pensado se há outros metadados que poderiam ser inseridos nas fichas de catalogação.

O quadro 6 a seguir foi desenvolvido a partir de pesquisa desenvolvida nas fichas de catalogação da coleção I - Filmes, onde é demonstrado a porcentagem de informações preenchidas para determinado metadado, exemplificando quantos por cento de todos os objetos estão preenchidos por cada informação.

Quadro 6 - Coleção I, Filmes

Metadado	Quantidade Preenchida	Porcentagem Preenchida
Nome Objeto	4298	100%
Número do Objeto	4298	100%
Objetos Associados	943	21,94%
Outros Números	27	0,62%
Modo de Aquisição	81	1,88%
Data de Aquisição	0	0,00%
Procedência	3	0,06%
Origem	110	2,55%
Local de Gravação	0	0,00%
Ano de Lançamento	96	2,23%
Suporte	429	9,98%
Sistema	429	9,98%
Gênero	281	6,53%
Realização	79	1,83%
Produção	269	6,25%
Direção	169	3,93%
Roteiro	115	2,67%
Elenco	121	2,81%
Ficha Técnica	427	9,93%
Sinopse	237	5,51%
Descrição Física	973	22,03%
Estado de Conservação	955	22,21%
Histórico	96	2,23%

Bibliografia	0	0,00%
Referências	0	0,00%
Observação	179	4,16%

Fonte: criado pela autora, 2021.

O primeiro ponto a ser pensado é em quantos metadados zeraram na porcentagem de preenchimento, sendo eles: **data de aquisição**, **local de gravação**, **bibliografia** e **referências**. Ou seja, nenhum objeto da coleção tem preenchido essas informações nas fichas.

Os metadados onde a porcentagem está entre 0,0% e 5,00% são: **procedência** (0,06%), **outros números** (0,62%), **realização** (1,83%), **modo de aquisição** (1,88%), **ano de lançamento** (2,23%), **histórico** (2,23%), **origem** (2,55%), **roteiro** (2,67%), **elenco** (2,81%), **direção** (3,93%) e **observações** (4,16%). Já os entre 5,01% e 10% são: **sinopse** (5,51%), **produção** (6,25%), **gênero** (6,53%), **ficha técnica** (9,93%), **sistema** (9,98%) e **suporte** (9,98%). Fazer uma breve análise. Os metadados entre 10,01% e 25% são: **objetos associados** (21,94%), **descrição física** (22,03%) e **estado de conservação** (22,21%). Breve análise. Há dois metadados que foram preenchidos em todos os objetos: **nome do objeto** e **número de inventário**, que é o mínimo para que a equipe possa identificar o objeto.

Foi observado nessa coleção que a maioria dos metadados basilares não estão preenchidos ou estão com uma porcentagem de preenchimento muito baixa. O metadado **data de aquisição** não é preenchido em nenhuma ficha da coleção, sendo que é uma importante informação para a construção da narrativa do objeto pois é quando ele entrou na instituição, portanto, quando se tornou de fato uma museália. Outro metadado que é uma informação basilar e que é pouco preenchido nessa coleção é o **modo de aquisição** (1,88%) que também é uma informação que permite saber a forma que o objeto entrou no museu traçando uma narrativa básica no museu. Há outros dois metadados que deveriam têm quase a mesma porcentagem, mas que deveriam ser mais preenchidos: **descrição física** (22,03%) e **estado de conservação** (22,21%), o primeiro é fundamental pois segundo o plano museológico contém detalhes técnicos das mídias e o segundo demonstra os cuidados que o profissional deve ter para que o objeto tenha sua integridade física garantida pelo maior tempo possível. Há ainda outras informações importantes,

sendo elas sobre a produção do filme que são pouco preenchidas: **roteiro** (2,67%), **elenco** (2,81%), **direção** (3,93%), **sinopse** (5,51%), **produção** (6,25%), **gênero** (6,53%), **ficha técnica** (9,93%), muitas dessas informações não estão preenchidas pois a maioria dos objetos não haviam sido lançados antes de entrar no banco de dados do MIS por serem filmes do Edital de Cinema, portanto, ainda não haviam essas informações prontas e/ou divulgadas. Todas essas informações devem ser revisitadas no futuro próximo para que as fichas fiquem mais completas possíveis.

O quadro 7 abaixo representa a porcentagem dos metadados preenchidos da coleção II - Som.

Quadro 7 - Coleção II, Som

Metadado	Quantidade Preenchida	Porcentagem Preenchida
Nome do Objeto	4499	100%
Número do Objeto	4499	100%
Objetos Associados	3993	88,75%
Outros Números	869	19,31%
Procedência	0	0,00%
Data de Aquisição	0	0,00%
Modo de Aquisição	0	0,00%
Origem	149	3,31%
Ano de Gravação	1444	32,69%
Local de Gravação	147	3,26%
Produtora	2043	45,41%
Gênero Musical	1630	36,23%
Intérprete	2124	47,21%
Conteúdo	4431	98,48%
Suporte	2151	47,81%
Descrição	4338	96,42%
Estado de Conservação	4456	99,04%
Histórico	90	2,00%
Bibliografia	0	0,00%
Referências Bibliográficas	0	0,00%

Observação	363	8,06%
------------	-----	-------

Fonte: Criado pela autora, 2021.

Há cinco metadados que têm 0,00% de preenchimento nas fichas: **procedência, data de aquisição, modo de aquisição, bibliografia e referências**. Até 5,00% são três metadados: **história** (2,00%), **local de gravação** (3,26%) e **origem** (3,31%). De 5,01% a 20,00% são dois: **observações** (8,06%) e **outros números** (19,31%).

Outros cinco metadados estão entre 20,00% e 50,00%, sendo eles: **gênero musical** (36,23%), **ano de gravação** (36,69%), **produtora** (45,41%), **intérprete** (47,21%) e **suporte** (47,81%). De 50,01% a 100% são cinco metadados: **objetos associados** (88,75%), **descrição** (96,42%), **conteúdo** (98,48%), **estado de conservação** (99,04%), **nome do objeto** (100%), e **número de inventário** (100%). Nessa coleção, há dois metadados basilares que não foram preenchidos em nenhuma ficha, sendo eles: **data de aquisição** e **modo de aquisição**. Eles são essenciais para a construção da trajetória do objeto na instituição e devem ser revistos a partir da pesquisa interna nos termos de aquisição dos objetos, onde é encontrado essas duas informações. Essa a coleção onde as fichas estão mais completas, apresentando cinco metadados com taxas acima de 30% a 50%, sendo eles: **gênero musical** (36,23%) que é muito importante para se o museu quiser criar uma narrativa expográfica a partir do gênero musical da coleção, demonstrando a importância de reavaliar para que essa porcentagem chegue a 100%. **Ano de gravação** (36,69%), é outra informação importante que pode ser encontrada ou no objeto ou em pesquisas mais especializadas (internet, livros, etc.). A **produtora** (45,41%) é um metadado que pode ajudar a criar uma narrativa mais concreta do objeto. **Intérprete** (47,21%) remete ao artista ou artistas que interpretam a produção musical, sendo uma importante informação que deve ser revista nas outras 52,79% das fichas que não foram preenchidas. **Suporte** (47,81%) é uma informação que indica onde a gravação do som está inserido. Os metadados mais preenchidos dessa coleção são: **objetos associados** (88,75%) que são todos aqueles objetos associados ao objeto, ou seja, seus desdobramentos, sendo uma informação essencial para a localização dos objetos em si. A **descrição** (96,42%) é um dos metadados mais importantes pois descreve qual o formato da produção sonora (exemplo: *maxi single, long play*, etc.). O **conteúdo** (98,48%) é uma ferramenta

essencial para a narrativa da produção musical pois é aquela que descreve quais são as faixas musicais apresentadas no título. É de suma importância que o museu revise os metadados das fichas de catalogação que não estão preenchidas abaixo de 50% e que busque as informações tanto dentro do museu como em pesquisa externa.

A seguir, será apresentado a porcentagem dos metadados da coleção II - imagem.

Quadro 8 - Coleção III, Imagem

Metadado	Quantidade Preenchida	Porcentagem Preenchida
Nome do Objeto	130	100%
Número Inventário	130	100%
Objetos Associados	4	3,07%
Outros Números	0	0,00%
Modo de Aquisição	0	0,00%
Data de Aquisição	0	0,00%
Origem	23	17,69%
Suporte	128	98,46%
Ano de Produção	36	27,69%
Procedência	11	8,46%
Autor	22	16,92%
Descrição da Imagem	130	100%
Estado de Conservação	127	97,69%
Histórico	1	0,76%
Bibliografia	0	0,00%
Referências Bibliográficas	0	0,00%
Observação	55	42,30%

Fonte: Produção da autora.

Os metadados **outros números**, **modo de aquisição**, **data de aquisição**, **bibliografia** e **referências bibliográficas** não foram usados em nenhuma ficha de catalogação dessa exposição. Os metadados preenchidos até 5,00% são **histórico** (0,76%), e **objetos associados** (3,07%). Os preenchidos até 20% são: **autor**

(16,92%) e **origem** (17,69%). Há dois metadados com porcentagem até 50,00%: **ano de produção** (27,69%) e **observações** (52,30%). Até 100% são esses: **estado de conservação** (97,69%), **suporte** (98,46%), **descrição da imagem** (100%), **nome do objeto** (100%) e **número de inventário** (100%).

Essa coleção conta com dois metadados basilares que não foram preenchidos em nenhuma ficha de catalogação: **modo de aquisição** e **data de aquisição** que é sabido que são muito importantes para a construção da narrativa da entrada do objeto no museu, por isso a instituição deve rever os documentos de entrada dessa coleção para preenchimento efetivo. O metadado **objetos associados** (3,07%) é pouco preenchido pois se o objeto não tem nenhum desdobramento, esse metadado não é preenchido e como essa coleção tem poucos objetos associados, a porcentagem acaba sendo baixa. Há dois metadados que são importantes e que têm uma taxa de preenchimento abaixo de 20%: **autor** (16,92%) e **origem** (17,69%) que são necessários para o histórico de origem do objeto podendo ser pesquisado em documentos internos. Vale ressaltar que há cinco metadados com preenchimento superior a 90%, algo muito importante para a documentação do museu. Além do **nome do objeto** e **número de inventário**, que estão preenchidos em 100% das fichas de catalogação da coleção, a **descrição da imagem** é outro importante metadado que encontra-se completo em todas as fichas.

O quadro 9 representa a porcentagem dos metadados das fichas de catalogação da coleção IV - registros textuais.

Quadro 9 - Coleção IV, Registros Textuais

Metadado	Quantidade Preenchida	Porcentagem Preenchida
Nome do Objeto	163	100%
Número Inventário	163	100%
Objetos Associado	8	4,90%
Outros Números	38	23,31%
Origem	90	55,21%
Procedência	8	4,90%
Modo de Aquisição	158	96,93%
Data de Aquisição	127	77,91%

Categoria	160	98,15%
Data de Produção	142	87,11%
Autor	158	96,93%
Descrição	161	98,77%
Estado de Conservação	155	95,09%
Histórico	102	62,57%
Bibliografia	0	0,00%
Referências Bibliográficas	0	0,00%
Observação	0	0,00%

Fonte: criado pela da autora, 2021.

Os metadados que não têm porcentagem na coleção IV - Registros textuais são: **bibliografia**, **referências bibliográficas** e **observação**. De até 5,00% têm **procedência** (4,90%), e **objetos associados** (4,90%). Até 50,00%, há um metadado: **outros números** (23,21). Há onze metadados entre 50,01% e 100%: **origem** (55,21%), **história** (62,57%), **data de aquisição** (77,91%), **data de produção** (87,11%), **estado de conservação** (95,09%), **autor** (96,93%), **modo de aquisição** (96,93%), **categoria** (98,15%), **descrição** (98,77%), **nome do objeto** (100%) e **número inventário** (100%).

Nessa coleção, é possível perceber uma diferença perceptível: os metadados basilares têm uma taxa de preenchimento superior a 50%, ao contrário das coleções analisadas anteriormente. A **data de aquisição** está preenchida em 77,91% das fichas de catalogação, enquanto o **modo de aquisição** é preenchido em 96,93%, demonstrando uma inversão, isso se dá pois a maioria dessa coleção é composta por roteiros dos filmes do Edital de Cinema, por isso quase todas as fichas estão preenchidas com esses metadados. O **estado de conservação** (95,09%) também tem uma porcentagem bem importante, pois demonstra que o museu está ciente de que a conservação e preservação do objeto é importante. **Autor** (96,93%), **categoria** (98,77%) e **descrição** (98,77%) são muito importantes pois equivalem às informações da produção dos registros textuais.

O quadro 10, é a última que representa a porcentagem dos metadados, sendo dessa vez da coleção V - equipamentos.

Quadro 10 - Coleção V, Equipamentos

Metadado	Quantidade Preenchida	Porcentagem Preenchida
Nome do Objeto	383	100%
Número Inventário	383	100%
Objetos Associados	306	79,89%
Outros Números	3	0,78%
Modo de Aquisição	3	0,78%
Data de Aquisição	4	1,04%
Procedência	0	0,00%
Origem	277	72,32%
Fabricante	298	77,80%
Data de Fabricação	8	2,08%
Descrição do Objeto	373	97,38%
Estado de Conservação	355	92,68%
Histórico	1	0,26%
Bibliografia	0	0,00%
Referências Bibliográficas	0	0,00%
Observação	145	37,85%

Fonte: criado pela da autora, 2021.

São três metadados que estão zerados no quesito porcentagem: **procedência**, **bibliografia** e **referências bibliográficas**. Até 5,00%, há cinco metadados: **história** (0,26%), **modo de aquisição** (0,78%), **outros números** (0,78%), **data de aquisição** (1,04%) e **data da fabricação** (2,08%). Até 50,00% há apenas um: **observações** (37,85%). De 50,01% a 100%, há sete metadados: **origem** (72,32%), **fabricante** (77,80%), **objetos associados** (79,89%), **estado de conservação** (92,68%), **descrição do objeto** (97,38%), **nome do objeto** (100%) e **número inventário** (100%).

A última coleção tem dois dos metadados basilares com porcentagem abaixo de 5%: modo de aquisição (0,78%) e data de aquisição (1,04%), sendo as primeiras informações que devem ser preenchidas quando o museu for atualizar seu banco de dados, pois esses metadados são essenciais para a linha do tempo do

objeto no museu. Tirando esses metadados, a coleção tem bons índices de preenchimento de outros metadados especializados importantes.

Foi percebido, através dessa análise qualitativa do preenchimento das fichas de catalogação de cada coleção, que o museu deve fazer uma pesquisa interna, procurando as informações em seus documentos (termo de aquisição, atas, listas, etc.) e com seus funcionários, buscando traçar uma narrativa do objeto desde sua entrada até sua permanência nas dependências da instituição. Além disso, o museu deve realizar pesquisa externa, por meio de internet, livros, dicionários, etc. buscando delinear o histórico do objeto antes e durante sua estadia na instituição. Diante dessa perspectiva, iremos analisar quais metadados, segundo a Resolução Normativa nº2 de 2014 do IBRAM, são basilares e devem estar preenchidos. Após essa discussão, pensaremos se é possível inserir outros metadados, além de analisar se algum metadado deve ser retirado pois não são preenchidos.

A resolução normativa nº 2 de 29 de agosto de 2014 do IBRAM, que determina quais metadados devem ser utilizados nas fichas de catalogação de acervos museológicos irá nortear o trabalho comparativo.

Em geral, os metadados basilares do MIS nas cinco coleções são: **nome do objeto, número de inventário, outros números, objetos associados, modo de aquisição, data de aquisição, procedência, origem, estado de conservação, histórico, bibliografia, referências bibliográficas**. Totalizando doze metadados.

Fora esses metadados básicos, cada coleção tem informações específicas que devem ser preenchidas de acordo com sua tipologia de acervo. Por exemplo, a coleção I - filmes, têm metadados específicos como sinopse, sistema/mídia, gênero, produtora, direção, roteiro, etc. (totalizando treze metadados). A coleção II - som têm gênero musical, ano de gravação, local de gravação, produtora, etc (somando oito metadados). A coleção III - imagem: descrição da imagem, suporte, autor, etc (totalizando quatro metadados). A coleção IV - equipamentos: fabricante, data de fabricação, descrição do objeto, etc. (somando quatro metadados). Já a coleção V - registros textuais têm como metadados específicos: autor/prepotente, categoria e data de produção.

A resolução normativa nº 2 consta com 15 metadados de descrição do objeto museológico, sendo eles: **número de registro, outros números, situação, denominação, título, autor, classificação, resumo descritivo, dimensões,**

material/técnica, estado de conservação, local de produção, data de produção, condições de reprodução e mídias relacionadas. Fazendo a comparação entre a resolução e os metadados basilares do museu, apenas três são iguais: **número de registro, outros números e estado de conservação**, porém deve-se levar em conta que as fichas foram criadas antes que o IBRAM publicasse tal resolução e mesmo sem ela, a ficha do MIS é relativamente completa.

Contudo, outros metadados que estão na ficha têm descrições parecidas com a resolução, como: **resumo descritivo**, que tem o mesmo princípio que o metadado **descrição** e **material/técnica**, que segundo a resolução é a informação do suporte do objeto e nas fichas analisadas há um campo descrito como **suporte**. Na resolução há o metadado **autor** que é encontrado nas fichas da coleção IV - Registros Textuais e coleção III - Imagem, as outras coleções têm metadados especializados no tipo de produção e por isso não é funcional colocar esse metadado pois podem haver vários autores, exemplo: coleção V - Equipamentos tem um metadado que diz respeito ao fabricante do objeto. Na coleção I - Filmes há vários metadados específicos sobre a produção do item, como **direção, roteiro, produtora**, etc. No documento do IBRAM, é exemplificado sobre o metadado **local de produção**, sendo que duas coleções têm uma variante equivalente: **local de gravação** que diz respeito às fichas da coleção I - Filmes e coleção III - Som, as outras coleções não têm esse metadados, mas por outro lado, têm os metadados **origem e procedência** que auxilia na criação da narrativa do objeto. A coleção IV - Registros Textuais tem o metadado **data de produção** que também está presente na resolução. As outras coleções não têm esse metadado, mas têm equivalentes: na coleção I - Filmes e coleção II - Som é o metadado **ano de gravação** que dá um contexto de sua produção, mesmo que não se específico, mas essa falta de especificidade se dá pois as produções de filmes e sons não são possíveis de "mensurar" por uma data específica pelo fato de serem trabalhados de longo prazo.

Contudo, há metadados da resolução que não estão nas fichas, mas que poderiam ser inseridos, sendo eles: **situação do objeto** (status da museália no acervo, exemplo: se está localizado na reserva técnica ou se ele foi perdido) e **dimensões do objeto**. A primeira informação é importante pois demonstra se o objeto está localizado no museu, facilitando o encontro do mesmo pelo profissional. A segunda informação é importante pois dá uma noção do tamanho do objeto e

como essa informação é bem específica, facilita a busca de informação no banco de dados, sendo mais fácil identificar o objeto pelo seu tamanho estrutural.

Como visto anteriormente nos quadros 1, 2, 3, 4 e 5, há muitas informações nas fichas de catalogação dos objetos que não estão preenchidas, mas tem alguns metadados extremamente importantes para a recuperação de informação que têm índices baixíssimos de preenchimento, que no olhar museológico, devem ser preenchidas para melhor contexto e histórico do objeto. Os metadados a seguir devem ser levados em conta como as principais informações que o MIS/SC deve buscar para preencher as fichas: **modo de aquisição, data de aquisição, procedência e histórico** (importante para compreender a trajetória do objeto).

Esses metadados são importantes pois contam a cronologia do objeto no museu, a forma de sua entrada e seu histórico como objeto cultural. Através de outros documentos dos museus, é possível encontrar essas informações e o museu deve procurá-las para preencher melhor as fichas de catalogação.

A documentação museológica, como visto anteriormente, é uma ferramenta muito importante para que o museu consiga conhecer sua trajetória e principalmente seu acervo para que possa criar estratégias de educação museal, narrativas expográficas e até na conservação e preservação dos bens salvaguardados. O banco de dados é apenas uma das vertentes nessa grande área dentro do museu, é nele que o museu guardará essas informações recolhidas do objeto para que a equipe possa trabalhar nas outras áreas da instituição. As fichas de catalogação é um instrumento do banco de dados que, literalmente, conta a história do objeto e deve ser preenchida da forma mais completa possível, mas no caso do MIS, as fichas foram preenchidas com os metadados basilares pois havia um prazo para a empresa responsável cumprir e com isso muitos metadados foram deixados para depois, porém com o excesso de trabalho e com uma equipe reduzida para cumpri-los, o museu nunca conseguiu fazer uma revisão do banco de dados, o que acaba sendo compreensível no cenário do museu.

Vale ressaltar que todos os objetos que entraram oficialmente no museu têm número de registro e estão registrados no banco de dados, algo muito importante para a documentação museológica.

A partir dessa análise, é possível perceber que mesmo que as fichas tenham sido desenvolvidas antes da resolução de 2014, as fichas são bem completas.

Devemos destacar a importância de preenchê-las com todas as informações intrínsecas e extrínsecas extraídas do objeto. Com isso, sabemos que é um trabalho de longo prazo que deve ser feito de uma forma responsável e efetiva priorizando a pesquisa de fontes primárias e confiáveis. Uma saída para continuação desse trabalho, é a pesquisa extrínseca do objeto em questão, começando com a coleção I - Filmes (a maioria já foi lançado e pode ter informações mais específicas em websites oficiais) e da coleção II - Som (a maioria da coleção é de discos famosos, podendo ser encontradas algumas informações pertinentes). Após essas coleções, o responsável pela pesquisa poderia continuar com coleção V - Equipamentos encontrando informações em website dos fabricantes, por exemplo. A coleção III e coleção IV - Registros Textuais estão relativamente bem preenchidas e devem ser revistas quando for possível ter contato com os objetos.

Os metadados são fundamentais pois são os meios de descrição para a recuperação da informação do objeto e eles devem ser preenchidos por profissionais especializados na área pois são essas informações que dão “identidade” ao objeto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado na presente pesquisa foi a documentação museológica, mais especificamente, o diagnóstico do banco de dados do Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina - MIS/SC, que procurou desenvolver uma análise aprofundada das fichas de catalogação e seus metadados, em diálogo com as técnicas da área discutida. A problemática foi pensar nas fichas de catalogação a partir de seus metadados, a fim de aprimorar o banco de dados com as informações extraídas do objeto intrinsecamente e extrinsecamente da forma mais completa possível.

A pesquisa desenvolvida acerca do diagnóstico realizado do banco de dados do MIS/SC é uma grande contribuição para a instituição, pois tem enfoque no desenvolvimento da documentação museológica e das narrativas desenvolvidas. Esse diagnóstico é uma forma de discutir uma atividade ainda não muito realizada nos museus atualmente, priorizando sempre a discussão de estratégias para o aprimoramento da prática museal e especificamente, documental.

A prática de documentar é primordial para a gestão de um museu e de seu acervo e é importante que a instituição reconheça isso como um todo e não apenas como uma atividade isolada das outras: a documentação vai muito além de fichas de catalogação e banco de dados, o objeto é documentado desde sua entrada como parte do acervo e deve sempre estar sendo documentado, por exemplo, quando vai para uma exposição, para que o museu possa criar uma narrativa histórica do patrimônio da nossa sociedade.

A documentação museológica não é importante apenas pelo fato de conhecermos o objeto que está sendo registrado, mas também é uma ação de conservação do objeto em sua totalidade física e principalmente da informação inserida intrinsecamente e extrinsecamente nele.

Os resultados percebidos nessa pesquisa foi a percepção de que o museu tem um banco de dados favorável para a tipologia do seu acervo, mas que algumas revisões devem ser realizadas, como o preenchimento de metadados basilares que têm taxas de preenchimentos muito baixa. Contudo, sempre pensando que o parâmetro usado pela pesquisa foi a resolução e a mesma foi publicado em 2014 e o preenchimento da maioria do banco de dados foi realizado em 2011. Esse trabalho

ajudará o museu a refletir em sua forma de preencher suas fichas e talvez demonstrar quais estratégias que o museu deve realizar para que essa atividade seja realizada durante os próximos anos, pois o MIS tem o intuito de atualizar o seu plano museológico e com esse trabalho a instituição responsável pode se basear para aprimorar o banco de dados.

O objetivo geral desta pesquisa era realizar o diagnóstico das fichas de catalogação do museu, o que foi desenvolvido de uma forma bem analítica e imparcial, sempre pensando nos objetivos específicos. Um dos objetivos específicos era a identificação das incoerências encontradas no banco de dados, o que foi demonstrado durante o diagnóstico. Outro objetivo que também foi realizado é a comparação dos metadados das fichas do museu com a resolução normativa nº2 do IBRAM de 29 de novembro de 2014, onde foi feita uma análise comparativa pensando em como os metadados das fichas podem dialogar com a resolução. O último objetivo específico foi a análise das informações preenchidas nas fichas de catalogação, pensando se estão de acordo com a história do objeto para que o acesso a essas informações sejam localizadas de uma forma mais facilitada.

Essa pesquisa teve foco apenas nas fichas de catalogação, mas poderia ser realizado o diagnóstico de toda a documentação museológica, pensando desde a entrada do objeto no museu, até nesse processo que foi analisado durante o trabalho, como também outras atividades relevantes para o desenvolvimento da documentação museológica. Contudo, não houve tempo hábil para criar uma pesquisa mais completa, pois é difícil conhecer um museu e toda sua documentação em tão pouco tempo.

Cabe ressaltar, que a pesquisa tem enfoque em criar estratégias de facilitação da localização do objeto, sua construção como patrimônio cultural, para criação de pesquisas internas e externas, para desenvolvimento de narrativas expográficas onde o museu realmente conheça seu acervo. Tudo isso é importante para que toda sua trajetória como museália seja registrada, para que no futuro haja informações completas sobre um único objeto. Quando pensamos em preenchimento de fichas de catalogação, o museólogo sempre deve levar em conta que toda informação sobre o objeto deve ser procurada e apresentada como forma de conservar a informação. Com isso, percebemos a importância de um diagnóstico completo das fichas de catalogação.

Os resultados positivos que esta pesquisa apresenta para a área da Museologia são: o TCC será um estudo de caso, ou seja, com ele outros profissionais da área e estudantes poderão ter uma referência de um diagnóstico da documentação de um acervo e do trabalho de uma estagiária criou durante a pandemia do coronavírus, mostrando que o trabalho em museu não é apenas presencial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Resolução Normativa nº 02:** de 29 de agosto de 2014. 2014. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf> . Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.904:** de 14 de janeiro de 2009. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm#:~:text=%C3%89%20obriga%C3%A7%C3%A3o%20dos%20museus%20manter,forma%20de%20registros%20e%20invent%C3%A1rios.&text=No%20caso%20de%20extin%C3%A7%C3%A3o%20dos,41.>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; PADILHA, Renata Cardozo. **A interoperabilidade semântica entre acervos de museus:** discutindo o caso dos Museus da Imagem e do Som. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/64482/38902>>. Acesso em: 25 abril 2021.

CAMARGO-MORO, Fernanda. **Políticas e Procedimentos para Aquisições.** In: Museu: aquisição-documentação. Rio de Janeiro, Livraria Eça, 1986.

CAMPOS, Luiz Fernando de Barros. **Metadados digitais:** revisão bibliográfica da evolução e tendências por meio de categorias funcionais. 2007. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/11673>>. Acesso em: 29 abril 2021.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Diagnóstico Museológico:** estudos para uma metodologia. In: Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 3, pp. 124-132. 2010. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8629.pdf>>. Acesso em: 23 mar 2021.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica.** In: Caderno de Diretrizes Museológicas. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centro Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática.** 1994.

FLORIANÓPOLIS. GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. . **Decreto nº 3.198,:** de 24 de setembro de 1998. 1998. Disponível em: <[file:///C:/Users/Maria%20Luiza%20Marcolin/Downloads/Decreto%203198-1998%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20MIS%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Maria%20Luiza%20Marcolin/Downloads/Decreto%203198-1998%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20MIS%20(1).pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2021.

FLORIANÓPOLIS. GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. . **Decreto nº 7.439**: de 24 de abril de 1979. de 24 de abril de 1979. 1979. Disponível em: <<http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/1979/007439-005-0-1979-000.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/GuiaDosMuseusBrasileiros_sul.pdf>. Acesso em: 20 abril 2021.

JORNAL IMAGEM DA ILHA (Florianópolis). **FCC divulga horários de funcionamento de espaços culturais no feriado de Corpus Christi**. 2019. Disponível em: <<https://www.imagemdailha.com.br/blog/fcc-divulga-horarios-de-funcionamento-de-espacos-culturais-no-feriado-de-corpus-christi.html>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

LADIKIN, Nicola. **Gestão de Acervo**. In: Como gerir um museu: manual prático. 2004.

LAKATOS, Eva Mari; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, Inês Aisengart. **O profissional atuante na preservação audiovisual**. In: Museologia & Interdisciplinaridade. v.8, n.15 (2019): Dossiê: Cinema, museu e patrimônio.

MENDONÇA, Tânia Mara Quinta Aguiar de. **Museus da Imagem e do Som: o desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil**. 2012. 448 f. Tese (Doutorado) - Curso de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/iarad/Downloads/Tese%20T%C3%A2nia%20Mara%20Quinta%20Aguiar%20de%20Mendon%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MUSEUSB (Brasil). **Mapas Culturais**. Disponível em: <<http://museus.cultura.gov.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

OLIVEIRA, Angélica Gasparotto. **Preservação de Acervo Audiovisual**. 2016. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/index.php/article/download/46635>>. Acesso em: 10 abril 2021.

ORTIZ, Gilmar Guterres. **Diagnóstico Museológico**: um olhar sobre a documentação do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. 2013. Trabalho de Conclusão do Curso de Museologia, Universidade Federal de Pelotas, 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/museologia/files/2017/08/gilmar-guterres-ortiz_tcc.pdf>. Acesso em: 20 mar 2021.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014.

PRISMA CULTURAL (Florianópolis). **Plano Museológico Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina - MIS/SC**. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Maria%20Luiza%20Marcolin/Downloads/Plano%20Museol%C3%B3gico%20MIS_FINAL%20(3).pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

PRISMA CULTURAL (Florianópolis). **Relatório Final do Projeto de Documentação Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina - MIS/SC**. 2011. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/1/#search/plano+museol%C3%B3gico?projector=>. Acesso em: 02 mar. 2021.

RENATA WEBER NEIVA (Florianópolis). **Museu de Imagem e do Som em Florianópolis**. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/museu-da-imagem-e-do-som-em-florianopolis/>. Acesso em: 03 mar. 2021. FOTO

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. . **Histórico**. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/a-fcc/sobre/historico>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. . **Série ganhadora do prêmio catarinense de cinema estreia na Netflix em maio**. 2020. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/noticias/22555-serie-ganhadora-do-premio-catarinense-de-cinema-estreia-na-netflix-em-maio>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA . **Casa de Ideias**. 2018. Disponível em: <<https://cultura.sc.gov.br/espacos/mis/casa-de-ideias>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA . **Miscuta**. 2018. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/mis/miscuta/20950-miscuta-20>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA . **Discocards**. 2018. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/espacos/mis/discocards-mis-sc>. Acesso em: 18 mar. 2021.

SANTA CATARINA. GOVERNO DE SANTA CATARINA. . **Prêmio Catarinense de Cinema 2020**: inscrições abrem na segunda-feira. inscrições abrem na segunda-feira. 2020. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/cultura/premio-catarinense-de-cinema-2020-inscricoes-abrem-na-segunda-feira>. Acesso em: 03 mar 2021.

SMIT, Johanna. **O que é documentação**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 83 p.

ANEXOS

ANEXO I – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR



**ESTADO DE SANTA CATARINA
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA**

Avenida Governador Irineu Bornhausen, 5.600 - 88025-202 - Florianópolis - SC - Fone: (048) 3664-2651
Site: www.mis.sc.gov.br - e-mail: mis@fcc.sc.gov.br

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

TÍTULO DO PROJETO: "Diagnóstico de documentação museológica: um estudo de caso no Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina"

PESQUISADORA

Nome:: Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino

CPF: 089.761.029-67

Identidade: 6685230

Matrícula UFSC: 016101708

Endereço: Servidão das Palmeiras Nativas, 328, Lagoa da Conceição

TCE na FCC: 006/2019 - matrícula 0604392-5-01

Telefone: 48 99690-2550

Email: luiza.marcolino2012@hotmail.com

ORIENTADOR (externo ao Museu): Prof.^a Dra. Renata Cardozo Padilha

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Descrição: Pesquisa realizada com os documentos do Banco de Dados do MIS/SC para criação do Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina

1.2.1 Objetivo Geral

Diagnosticar as fichas de catalogação do acervo das coleções do Museu de Imagem e do Som de Santa Catarina pela perspectiva da documentação museológica.

1.2.2 Objetivos Específicos

Identificar as inconsistências no preenchimento dos metadados das fichas de catalogação do acervo do MIS/SC;

Verificar os metadados da ficha de catalogação do MIS/SC com a Resolução normativa nº 2 de 29 de novembro de 2014 do IBRAM;



**ESTADO DE SANTA CATARINA
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE SANTA CATARINA**

Avenida Governador Irineu Bornhausen, 5.600 - 88025-202 - Florianópolis - SC - Fone: (048) 3664-2651
Site: www.mis.sc.gov.br - e-mail: mis@fcc.sc.gov.br

Analisar a produção e qualificação da informação museológica do MIS/SC a partir das fichas de catalogação.

Materiais solicitados para compor os anexos do TCC:

- 1) Plano museológico;
- 2) Relatório da documentação museológica;
- 3) Modelo das Fichas de catalogação de cada coleção ;
- 4) Lista de conferência do acervo;
- 5) Lista de Erros;

O pesquisador do projeto acima identificado assume os seguintes compromissos:

1. Manter sob sigilo as informações ofertadas, ou seja, serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto;
2. O MIS-SC estipula que o uso dos materiais solicitados não visará fins lucrativos, destinando-se, única e exclusivamente, à publicação resultante do projeto de pesquisa acadêmica no âmbito da UFSC, sob o título constante neste cabeçalho;
3. Respeitar todas as normas da Resolução da instituição na execução deste projeto.
4. Trabalhar de forma ética e respeitosa para com o museu e seus funcionários
5. Creditar e fazer referências em todos os materiais do Museu utilizados, acrescida a citação “Acervo do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina”.
6. Fornecer à Instituição 2(duas) cópias do respectivo TCC, sendo uma cópia impressa encadernada para o CIMIS e a outra em formato PDF para arquivo.



Documento assinado digitalmente
Maria Luiza de Quadros Soares Marcolino
Data: 28/04/2021 19:53:35-0300
CPF: 089.761.029-67
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Pesquisadora:



Documento assinado digitalmente
Renata Cardozo Padilha
Data: 29/04/2021 09:38:54-0300
CPF: 013.701.090-75
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Professora Orientadora Externa:

Responsável pelo Museu:

Florianópolis, 28 de abril de 2021.